

DIÁRIO  
DE NATAL



# EDUCAÇÃO



NATAL, DEZEMBRO DE 2006 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

1999 - 2000 - 2001

Fotos: Arquivo/DN



PAULO FREIRE, EM ANGICOS, AO LADO DE MARCOS GUERRA E ANA MARIA COECENTINO, A PRIMEIRA EDITORA DO DN EDUCAÇÃO

## GRANDES REPORTAGENS DO PROJETO LER - I

UMA RETROSPECTIVA DAS PRINCIPAIS MATÉRIAS DO PROJETO LER, PUBLICADAS EM O POTI NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

**EDITORIAL**

A editoria de Educação do Diário de Natal produz, semanalmente, sempre nas edições de O POTI, importantes reportagens sobre fatos e personagens que marcaram a história da educação no Rio Grande do Norte e do Brasil. Nesta edição do DN Educação estamos republicando algumas dessas reportagens que apresentaram repercussão na sociedade e no meio acadêmico, devido ao ineditismo de nomes ainda desconhecidos do grande público, embora tenham uma obra digna de reconhecimento. Foi assim com Isabel Gondim, com Antônio Gomes da Rocha Fagundes, com o jornalista Cristóvam Dantas e com os primeiros professores do Seridó. A nível nacional destacamos as figuras dos historiadores potiguares Rodolfo Garcia e Tobias Monteiro, da professora Beatriz Bandeira Riff e do cientista Rômulo Argentiêre, além do grande ícone da educação brasileira, Paulo Freire, cuja experiência de 40 horas realizada em Angicos (RN) o imortalizou no mundo inteiro. Assim, como o DN Educação, essas reportagens têm sido utilizadas por professores e alunos como fonte pesquisa em sala de aula.

Joana Lima/DN



**A EQUIPE DO PROJETO LER QUE TRABALHOU NESTA EDIÇÃO: ADRIANA AMORIM, ROBERTO CAVALCANTI, VALÉRIA CREDIDIO E FRANCISCO FRANCERLE**

**DN EDUCAÇÃO**

**Diretor Geral:**

Albimar Furtado

**Promoções e Projetos Especiais:**

Afonso Laurentino Ramos

**Editor do Suplemento:**

Francisco Francerle

**Reportagens:**

Adriana Amorim, Valéria Credidio

Francisco Francerle e Eugênio Parcelle

**Diagramação:**

Roberto Cavalcanti

**Telefone:** 4009 0190 / 92

francerle@diariodenatal.com.br

**RECONHECIMENTO AO DN EDUCAÇÃO**

O Diário de Natal, que sempre acreditou e incentivou a cultura e a educação no Rio Grande do Norte, tem recebido inúmeras mensagens de reconhecimento por parte de importantes nomes da educação no Brasil, devido ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo DN Educação ao longo de 12 anos. Para nós que fazemos o DIÁRIO DE NATAL e toda equipe do DN Educação, mais que um motivo de orgulho, é a certeza de estarmos no caminho certo. É nossa parcela de contribuição para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte. A Editoria de Educação do Diário de Natal trabalha em parceria com o Projeto Ler, produzindo atualmente o DN Educação (edição mensal), o Programa Educação em Comunidade, transmitido pela Rádio Poti; a página de Educação nas quartas-feiras; e no domingo, em O Poti, as grandes reportagens temáticas e, ainda, as matérias especiais sobre a história das escolas do RN, além de participar semanalmente do programa Grandes Temas da TV Universitária.

"Sua existência representa um incentivo às atividades educacionais, contribuindo para resgatar a valorização da escola. Sem alarde, sem sensacionalismo, o DN Educação vem, durante esses 14 anos de existência, divulgando as iniciativas positivas na área de educação e denunciando a problemática do setor. É importante dizer que a existência do DN Educação vem também estimulando a iniciativa de outros meios de comunicação que passaram a se interessar pela divulgação do noticiário sobre educação".



**Ana Maria Cocentino Ramos**  
(Jornalista e Idealizadora do Projeto Ler)

"Ao manifestar meus parabéns ao Diário de Natal, em especial ao DN Educação, gostaria de sociabilizar, com os leitores e leitoras desse jornal, um fato ocorrido em 1993. Lembro, com nitidez, quando Paulo Freire e eu recebemos das mãos do diretor desse jornal - Sr. Albimar Furtado e de Afonso Laurentino, uma coletânea de edição do DN Educação. Naquele instante, Paulo Freire, folheando o encarte especial de 1993 emocionou-se ao ver como um jornal do Nordeste prestava tão expressiva homenagem ao seu trabalho. Paulo Freire tinha claro que não era uma homenagem a ele, mas, sobretudo, à causa que ele



**Moacir Gadotti**  
(Presidente do Instituto Paulo Freire)

defendia que era uma educação melhor para todos. As matérias veiculadas pelo DN Educação permitiram-nos perceber ser essa também a causa defendida por esse jornal. Nossa visita a Angicos, eu pela primeira vez, e Paulo Freire trinta anos depois da experiência que o tornou conhecido em todo o mundo, serviu para estreitarmos nossa relação com um jornal comprometido com as questões políticas e educacionais. Continuamos acompanhando a trajetória do DN - Educação em diferentes momentos. Hoje, todos nós que fazemos o Instituto Paulo Freire sentimos-nos orgulhosos em haver testemunhado o caminhar de um jornal comprometido com uma educação pública de qualidade. Parabéns a toda equipe do Diário de Natal e, de forma muito carinhosa e reconhecida, a todos aqueles que fazem o DN Educação pelo magnífico trabalho que vem prestando à educação brasileira, à educação potiguar".



defendia que era uma educação melhor para todos. As matérias veiculadas pelo DN Educação permitiram-nos perceber ser essa também a causa defendida por esse jornal. Nossa visita a Angicos, eu pela primeira vez, e Paulo Freire trinta anos depois da experiência que o tornou conhecido em todo o mundo, serviu para estreitarmos nossa relação com um jornal comprometido com as questões políticas e educacionais. Continuamos acompanhando a trajetória do DN - Educação em diferentes momentos. Hoje, todos nós que fazemos o Instituto Paulo Freire sentimos-nos orgulhosos em haver testemunhado o caminhar de um jornal comprometido com uma educação pública de qualidade. Parabéns a toda equipe do Diário de Natal e, de forma muito carinhosa e reconhecida, a todos aqueles que fazem o DN Educação pelo magnífico trabalho que vem prestando à educação brasileira, à educação potiguar".

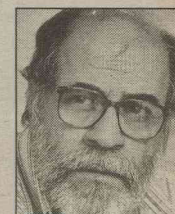
**Dra. Ana Maria do Vale**  
(Professora da UERN e coordenadora do Instituto Paulo Freire Nordeste - IPF/NE)

Os meios de comunicação têm um imenso poder na formação da consciência de um povo, então, o Diário de Natal, através do DN Educação, vem assumindo a sua responsabilidade social na construção de uma sociedade na qual todos tenham direito a uma vida digna. Quando lançou, de forma pioneira, o DN Educação, evidenciava a responsabilidade, assegurando, inclusive a sua regular continuidade".



**Eleika Bezerra**  
(Ex-Secretária de Educação de Natal)

"Com o novo século, com as desejáveis e inevitáveis mudanças políticas que devolvam prioridade efetiva à educação, nosso Estado e nosso país necessitam cada vez mais de um veículo como o DN EDUCAÇÃO, ao qual orgulhosamente nos associamos desde o seu nascimento".



**Marcos Guerra**  
(Ex-Secretário Estadual de Educação)

MEMÓRIA RÔMULO ARGENTIÈRE: SUCESSO E OSTRACISMO DE UM CIENTISTA NO RN, AUTOR DE MAIS DE 30 LIVROS

# Pioneiro da ciência foi esquecido no RN



EUGÊNIO PARCELLE  
ESPECIAL PARA O POTI

Ele conheceu o mundo, viajou por vários países, falava oito idiomas e era respeitado pela comunidade científica, mas morreu na miséria em Carnaúba dos Dantas, interior do Rio Grande do Norte. Por onde andava, chamava a atenção pela altura e voz possante, além do conhecimento

privilegiado em áreas estratégicas, como energia nuclear, teoria da relatividade e astronomia. Autor de mais de 30 livros e um sem números de artigos publicados em revistas e jornais, conheceu o poder, mas terminou praticamente esquecido. Seu nome: Rômulo Argentière.

Num país de memória curta, não é de se estranhar o fato de poucos conhecerem a história e o legado deixado por Argentière. Mesmo no Rio Grande do Norte, onde desenvolveu várias pesquisas sobre minerais radioativos, os livros científicos e as escolas desconhecem ou ignoram sua trajetória, que mostra uma atualidade desconcertante. Só para dar um exemplo, o que pode ser considerado uma grande obra, que levou décadas de estudos, denominada "O Ciclo D'Água no Nordeste Brasileiro - Um estudo de física no globo", continua inédita, como os originais guardados na Fundação Vingt-un Rosado, em Mossoró.

Numa época em que falar em material radioativo era segredo de estado, Argentière ousou e escreveu artigos antevendo o uso da energia nuclear como elemento de destruição, o que chegou a causar problemas com as autoridades. Por outro lado, na década de 40, foi consultor do Exército Brasileiro para questões que envolvessem a manipulação de minérios radioativos. Em 1950, redigiu o anteprojeto que culminou, seis anos depois, na Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Sua paixão pelo Nordeste começou quando conheceu a região, acompanhando especialistas norte-americanos, pesquisando minérios para indústria bélica, numa missão enviada pelo presidente Getúlio Vargas. O homem que foi aluno de Madame Curie - física polonesa ganhadora do Prêmio Nobel por duas vezes - que conheceu Werner Von Braun - cientista alemão pioneiro das pesquisas com foguetes - e trocou correspondência com Einstein, passou a vir com frequência ao Rio Grande do Norte, escutando a terra seca do interior potiguar como seu novo lar.

Dáí começa uma nova história. Viúvo e com dois filhos adultos em São Paulo, apaixonou-se, aos 68 anos,

por Marinês Dantas, que incorporou ao nome o Argentière, que tinha apenas 21 anos, mas assumiu o romance, apesar de todo o falatório de Carnaúba dos Dantas sobre a diferença de idade. Hoje, com 38 anos, doente renal aguardando um transplante em São Paulo, faz hemodiálise todos os dias e sobrevive com um salário mínimo pago pelo INSS. O aluguel do pequeno apartamento que mora em Natal é pago pela Prefeitura de Carnaúba dos Dantas e o plano de saúde pago por Vingt-un Rosado, um dos amigos que Argentière contou.

## DIFICULDADES

Durante os três primeiros anos de vida com Rômulo, tudo foi maravilhoso. Depois disso, as dificuldades começaram a rondar a vida do casal, chegaram as doenças, os filhos de Argentière dilapidaram o que ele tinha, Marinês começou a costurar de dia e de noite para comprar remédios e alimentos para o marido. Alguns amigos como Vingt-un Rosado, sabendo dos problemas de saúde e da situação financeira, levaram-no ao médico e pleitearam junto ao então governador Garibaldi Filho uma pensão pelos serviços prestados ao Rio Grande do Norte. A pensão foi concedida num dia, Argentière faleceu no outro, sequer sabendo da notícia. E Marinês não pôde ser beneficiada.

Hoje, as lembranças estimulam a vida de Marinês. No álbum de fotos, as imagens de um amor ainda preservado. "Sempre o respeitei e continuo respeitando", disse, lembrando que tudo que fez foi por amor. "Não me arrependo de ter dedicado minha juventude a ele. Acho que um dia Rômulo Argentière vai ser reconhecido pelo trabalho que fez".

Rômulo Argentière faleceu em março de 1995. Um pouco da sua obra encontra-se preservada na Fundação Vingt-un Rosado, doação de Marinês.



MATÉRIA PUBLICADA DIA  
16/02/2003 - PÁG. 9 - CIDADES  
O POTI - ATUALIZADA

Rômulo Argentière foi  
pioneiro nos estudos da  
energia nuclear no Brasil

## DEPOIMENTO EDGAR RAMALHO DANTAS\*

### Uma história a ser resgatada

Conheci Argentière menino, no início da década de 50. Um irmão de papai, Cristóvão Dantas, veio para Natal ser secretário de Agricultura, no governo de Sylvio Pedrosa. Tio Cristóvão fez, provavelmente, o primeiro Museu de Minerais do RN. No instante em que ocorria a guerra na Coréia, começa a se ativar o setor mineral no Brasil, com a discussão de minerais radioativos. Então, havia uma procura muito grande e Argentière se juntou a Joel Dantas e um prospector de minérios José Antônio de Lima, para trabalharem no Estado.

Comecei a ter um contato mais pessoal com ele através de um amigo comum, o professor Antônio Soares, nos idos de 60 a 65, quando foram realizados em Natal um encontro nacional de Astronomia. Quanto mais o conhecia, mais o admirava. Ele não alardeava o seu currículo, mas tinha um conhecimento amplo. Sempre vinha a Natal como consultor. O assunto minerais radioativos era sua especialidade, considerado uma área de segurança nacional. Isso fez com que a bibliografia sobre o assunto fosse restrita.

O Rio Grande do Norte já teve mais de dois mil mineradores, trabalhando em veios de tantalita, clumbita, monazita e outros minérios - materiais que tinham importância, interesse inclusive internacional. Argentière sempre esteve próximo dessas atividades, por saber da importância desses aluviões. Ele tinha um volume de informações muito grande, sempre procurava divulgar suas pesquisas em jornais e revistas técnicas. Mas vale ressaltar que o valor desses minérios é episódico, o interesse comercial caiu muito ao longo dos anos.

O fato é que Argentière era uma pessoa muito ativa, sempre pesquisando, trabalhando muito. Infelizmente, faleceu praticamente na miséria, acompanhado apenas pela mulher, na qual encontrou conforto e solidariedade. Sua história precisa ser resgatada para que as novas gerações conheçam e valorizem o trabalho que realizou no Estado.

\*Edgar Ramalho Dantas é professor do Departamento de Engenharia Civil e Geologia da UFRN.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 4

## ENTREVISTA VINGT-UN ROSADO

**O**s laços de amizades adquiridas no Rio Grande do Norte mantêm-se preservados sobretudo pelo respeito à obra do pesquisador. Vingt-un Rosado foi um dos que compartilharam a história de Argentièrre, registrando inclusive em dois livros da Coleção Mossoroense, denominados "Rômulo Argentièrre, o País de Mossoró e Outros Países", de autoria do próprio Vingt-un Rosado e Isaura Êster Rosado. Em entrevista ao Diário de Natal, Vingt-un, fala sobre esta amizade e também a importância do trabalho de Argentièrre para o Estado.

## "Uma homenagem vinda de Mossoró"

Como o senhor conheceu Rômulo Argentièrre e começaram a relação de amizade?

Antino Campos e Silva era um tanto filho adotivo meu e de América, ainda ginasiando Campos me provocou para lhe dar algumas informações sobre paleontologia do Rio Grande do Norte. Ele não sabia que eu era um simples amador, mas o pouco que conhecia do assunto, transmiti-lhe de imediato, inclusive a bibliografia. Uma amizade afetuosa consolidou-se através do tempo. Algumas vezes ele foi o nosso hóspede na casa de Tibau. Lá, ele redigiu "Os Bilhetes de Tibau", uma maravilha de estilo e de calor humano. Tive o privilégio da amizade de dois grandes cientistas através de Campos: Azis Nacib A'bSaber e Rômulo Argentièrre. Eu e dona América fizemos algumas visitas ao cientista de Carnaúba dos Dantas. Argentièrre era um cientista de nome nacional e internacional. Encontrou em Marinês Dantas a companheira, a enfermeira dedicada, uma verdadeira heróina do país do Seridó, que acudiu o sábio paulista nas horas mais dolorosas da sua vida. Encontramos Argentièrre em março de 1982, ele estava empenhado num esforço que durou quase 40 anos para escrever "O Ciclo da Água no Nordeste Brasileiro". Este acervo, com certeza incompleto, encontra-se hoje em poder da minha fundação, por uma decisão de Marinês. Só um gigante como Argentièrre poderia concluí-lo. A morte não permitiu fazê-lo.

Tomou ele um interesse todo especial em esclarecer um problema de história de Mossoró. No atual município de Monteiro Lobato, havia uma fazenda chamada Mossoró. O Visconde de Mossoró e o Visconde de Tremembé eram irmãos. O primeiro acudira Mossoró na tragédia de 1877, nomeado Barão e depois Visconde, escolhendo o nome de minha cidade. O mundo não é tão grande quanto se pensa: Rodrigo Lobato Marcondes Machado presidiu a Província do Rio Grande do Norte. O presidente e o barão eram concunhados. Visitando Mossoró, Rodrigo aconselhou os fa-

mentos a plantar café quando voltasse o inverno. O Visconde de Mossoró era irmão do Visconde de Tremembé, avô de Monteiro Lobato. Argentièrre não descansou enquanto não localizou a fazenda Mossoró no atual município de Monteiro Lobato. Argentièrre foi profeta de viagens espaciais, explosões atômicas, previsões meteorológicas por satélites e energias alternativas. Em 1943, dois anos antes das

explosões atômicas, escreveu um artigo sobre a possibilidade de uso de uma arma secreta e devastadora. As Forças Armadas chamaram-no para explicar como sabia de um segredo guardado a sete chaves pelos americanos. É que ele analisava as informações divulgadas com certa imprudência. Depois da derrota da Alemanha, ele escreveu um livro "A Viagem à Lua". O primeiro Sputnik seria lan-

çado 10 anos depois do livro de Argentièrre e o homem chegava a lua em 1969. Argentièrre iniciou o jornalismo científico brasileiro, escrevendo milhares de artigos nos jornais de Chateaubriand. Trabalhou para a Comissão nacional de Energia, do CNPq e fez levantamento mineralógico em todo o território brasileiro, principalmente na região Nordeste. Foi pioneiro também da nucleação artificial

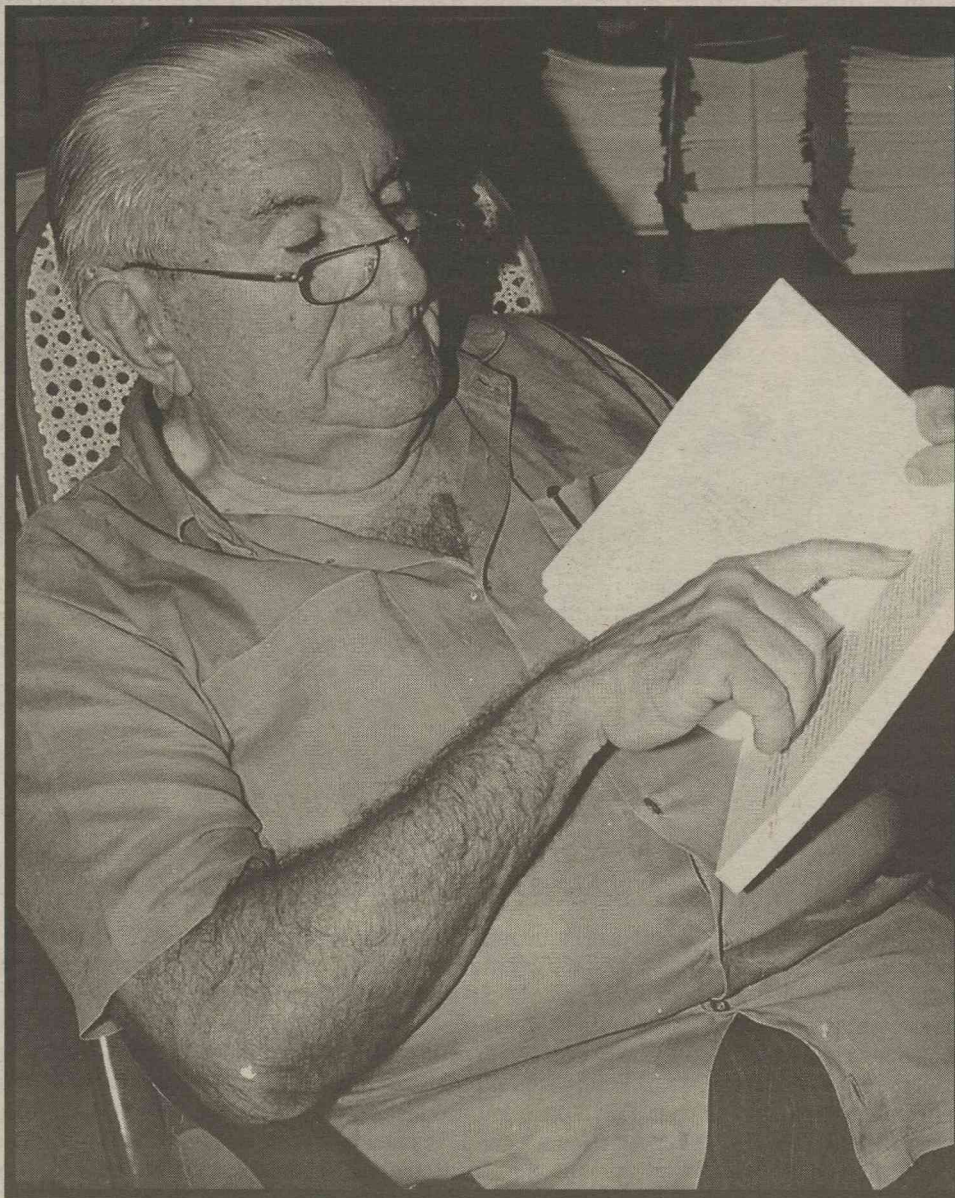
na década de 40, juntamente com Frederico de Marco. É considerado um dos mais destacados pesquisadores no terreno da atomística, da geologia e da mineralogia. Foi um dos fundadores do Observatório de Capricórnio, entre outros.

Qual a importância das pesquisas de Argentièrre para o RN?

Não temos elementos para qualificar as pesquisas de Argentièrre na área mineral do Seridó, mas sei que elas foram numerosíssimas, tratando de aluviões de tantalitas, monazitas e outros. Apesar de sua importância, ele terminou a vida na miséria, chegou até a passar fome.

Como o senhor observou este drama humano?

Familiares de Rômulo falsificaram a sua assinatura e venderam casas, carros, telefones e o deixaram, de repente, passando fome no Seridó. Esquecido de São Paulo, abandonado pelo Rio Grande do Norte, encontrou em Marinês Dantas a amiga, a enfermeira, a menina que trabalhava até a madrugada na fabricação de confecções para a manutenção do cientista. Um projeto da Assembléia concedendo-lhe uma pensão justa e merecida, morreu nas gavetas do governador José Agripino. O deputado Frederico Rosado ensajou um encontro entre Argentièrre e o governador Garibaldi Filho. Um carcinoma de estômago estava reclamando uma cirurgia urgente. Levei-o ao grande cirurgião Ernani Rosado. A cirurgia durou seis horas, preveniu-se Ernani de que ela seria da maior gravidade e do mais alto risco. Terminada a operação, Ernani preveniu: "Se o paciente superar o pós-operatório sobreviverá de três a seis meses". No dia 16 de março o governador Garibaldi Filho me telefonou comunicando que acabava de assinar o decreto que concedia a Rômulo uma pensão especial de 10 salários mínimos. Sabia que Argentièrre esperava com a maior ansiedade esta notícia, preferi não comunicar-lhe, mas o dia seguinte assinalou a morte do grande cientista.



RESGATE UMA RETROSPECTIVA DAS MATÉRIAS DO DIÁRIO DE NATAL SOBRE O EDUCADOR PAULO FREIRE

# As palavras não morrem

VALÉRIA CREDIDIO  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

Com uma série de seis matérias, publicadas a partir de seu segundo número, o DN Educação abria sua tradição em não apenas demonstrar o que a educação atual faz em seu dia-a-dia, mas em resgatar as importantes experiências educacionais, muitas vezes

esquecidas. As matérias, de autoria de vários jornalistas que integraram a editoria de educação do Diário de Natal, tiveram como tema a experiência em Angicos, com a aplicação do método de alfabetização de adultos em 40 horas, de autoria do mestre Paulo Freire.

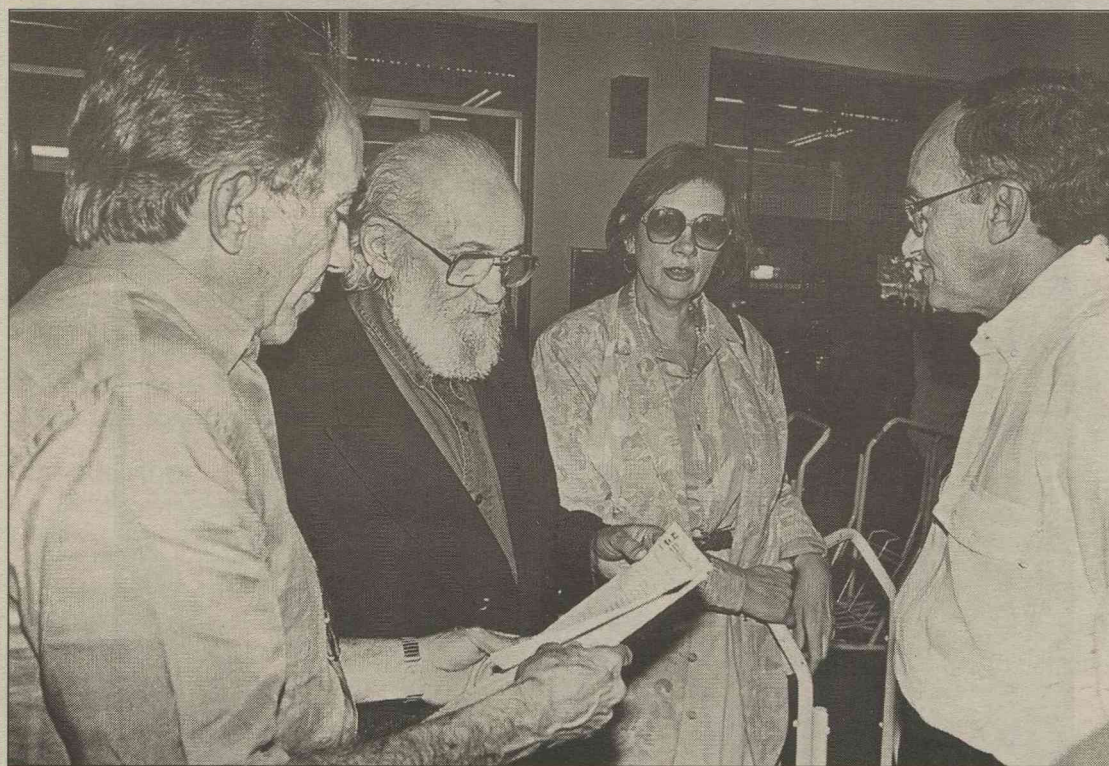
Paulo Freire, seu método e os resultados obtidos voltaram a ser tema de matéria no ano seguinte, em 1993, quando o educador retornou a Angicos, 30 anos depois da experiência ter tido êxito e ter sido suspensa por ordem do governo militar brasileiro, levando Freire ao exílio.

O material foi todo trabalhado pela jornalista e então editora do DN Educação Ana Maria Cocentino Ramos, que acompanhou o educador em sua visita a Angicos. Retornando ao interior, Paulo Freire se encontrou com educadores de todo o Estado, que lotaram o auditório do CEFET. O encontro foi uma promoção conjunta do DIÁRIO DE NATAL - DN EDUCAÇÃO em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, tendo professora Ana Maria do Vale como titular, e a Secretaria Estadual de Educação, que tinha à época professor Marcos Guerra como secretário. Marcos Guerra, aliás, foi participante ativo da experiência em Angicos, sendo um dos monitores dos círculos de cultura, como eram conhecidas as turmas de alunos.

A repercussão desta volta a Angicos não ficou restrita ao Rio Grande do Norte. Entrevistas, vídeos, conferências, palestras, livros, artigos e teses foram publicados a partir dessa visita de Paulo Freire, cujas referências de análise foram colhidas a partir do material registrado pela imprensa jornalística local.

O reencontro com os educadores potiguares foi possível, novamente, três anos depois, em abril de 1996. Na ocasião, Paulo Freire esteve proferindo palestra, onde ressaltou a importância da educação pública e lançou um apelo às autoridades do Rio Grande do Norte: a revitalização do Atheneu Norte-Riograndense. Apelo este que não foi atendido até hoje.

Para marcar mais um encontro entre Paulo Freire e seus filhos, como ele próprio denominou os docentes



MATÉRIA PUBLICADA DIA  
13/05/2003 - CAPA DO "MUITO"  
O POTI - ATUALIZADA

Os jornalistas Albimar  
Furtado e Carlos Lira  
recebem Paulo Freire

potiguares, o DN Educação publicou uma edição especial sobre o evento. Publicada no dia 18 de abril de 1996, a edição trazia entrevistas importantes com Marcos Guerra e Ana Maria Freire, historiadora e esposa de Paulo Freire, além de contar com os depoimentos de Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão, diretores do Instituto Paulo Freire.

A edição contou, também, com uma retrospectiva do projeto de Angicos e o depoimento do escritor Carlos Lyra, que teve seu livro "A experiência de Angicos" apreendido como material subversivo.

No ano seguinte, a edição de maio do DN Educação marcava o adeus ao educador, vítima de uma parada cardíaca. "Com 75 anos, barba e cabelos brancos que lhe davam uma aparência de profeta, Paulo Freire deixa a categoria dos professores sem seu de-

fensor mais ilustre, mas não desesperançada, pois as palavras não morrem", dizia a matéria do DN Educação, como um alento a todos os orfãos.

Quatro anos depois de sua morte, Paulo Freire voltou às páginas do DN Educação. A professora Ana Maria do Vale defendeu sua tese de Doutorado tendo como tema a influência do educador pernambucano no sindicalismo docente. O trabalho, que teve como título "Diálogo e Conflito - a presença do pensamento freireano na formação do sindicalismo docente", foi retratado em matéria especial para o tabloide do Diário de Natal.

Todos esses trabalhos apontam para a trajetória diferenciada traçada pelo Diário, como opinou a professora Ana Maria do Vale. Para ela, vale um destaque especial para as matérias que mostram as experiências de Educação e Cultura Popular realizadas

em nosso Estado nos anos 60 e que marcaram profundamente nossa história cultural. Refiro-me à Campanha "De pé no chão também se aprende a ler", desenvolvida em Natal, na época do prefeito Djalma Maranhão, às "Escolas Radiofônicas", vinculadas ao Movimento de Educação de Base (MEB) e "As 40 horas de Angicos", cuja orientação político-pedagógica do educador Paulo Freire projetaram essas experiências para o País e para o mundo. "O acervo do Diário de Natal registra e preserva essa história marcada por desafios, esperanças e desesperanças - marca do cenário histórico daqueles anos. O empenho jornalístico do Diário não terminou no momento em que as experiências citadas foram interrompidas pelo Golpe de 1964. Ao contrário, o seu compromisso com as questões culturais e educacionais evoluíram

ganhando um espaço específico, o DN Educação".

A pesquisadora ainda resalta a importância do trabalho jornalístico realizado no resgate histórico de atividades tão importantes. "Extrapolando o espaço midiático em que atua, interferindo ativamente na realidade social, o Diário de Natal explicita seu compromisso com a notícia, com a cultura, com a educação, com a população. Testemunho hoje como o fiz há 10 anos o esforço e a iniciativa do Diário em permanecer uma "consciência em ação" ajudando a divulgar e a manter viva a memória e o legado de Paulo Freire uma história que precisa ser conhecida por muitos e revisitada por todos aqueles e aquelas que possuem um compromisso político social com a educação popular conscientizadora", finalizou Ana Maria do Vale.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 7



EDIÇÃO ESPECIAL DO DN EDUCAÇÃO POR OCASIÃO DA VINDA DE PAULO FREIRE A NATAL E ANGICOS



No alto: Multidão no auditório do CEFET assistindo em 1993 a palestra de Paulo Freire. No detalhe, capa da edição especial sobre a obra do educador, em 1996; a jornalista Ana Maria Cocentino Ramos entrega a Paulo Freire edições do DN Educação, em Angicos; e Monitores treinados em 1963 para atuarem no programa 40h de Alfabetização.

## ARTIGO

MARCOS GUERRA \*

## O acaso e a necessidade

Há 40 anos, tornam-se indissociáveis Paulo Freire e Angicos. Confirma-se uma lei da filosofia natural da biologia moderna - "le hasard et la necessite" - enunciada pelo francês Jacques Monod. Pouco se estudou as razões do sucesso do que ficou conhecido como As 40 horas de Angicos, mas é inegável seu papel decisivo para renovar teorias e práticas da educação, e não somente para a formação dos alunos e monitores dos Círculos de Cultura. Muito se reconhece o papel fundamental daquilo que foi também um laboratório experimental, para promover ajustes e consolidar o que mais tarde se chamou "Método Paulo Freire". Irmanados em Angicos, o mestre Paulo Freire, alunos e monitores.

Talvez, novamente, as teorias do biólogo do Instituto Pasteur, Prêmio Nobel de Medicina, explicariam o nascimento do DN Educação. No início da década de 90, as notícias sobre educação só apareciam nas páginas policiais e nas que denunciavam desmazelo e ineficácia dos serviços públicos. Hoje, após 120 edições, podemos considerar que se consolidou um espaço nobre, crítico, construtivo, propositivo.

Como no início dos anos 60, a alfabetização de jovens e adultos reconquista um espaço nobre nas políticas governamentais, sob a liderança do nosso Ministro da Educação, que propõe metas ambiciosas. Nova coincidência? Cristovam Buarque visitou Angicos em julho de 2001 e num arroubo generoso, confirmando sua ampla visão estratégica, escreveu no Correio Brasiliense: "Angicos deveria ser declarado Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco. Nessa cidade (...) começou a maior experiência pedagógica do século 20, o método Paulo Freire.



MATÉRIA PUBLICADA  
DIA 27/04/2003 -  
CAPA DO MUITO  
O POTI - ATUALIZADA

A professora Maria Arisnete Câmara de Moraes é pesquisadora da vida e obra da também educadora Isabel Gondim

MEMÓRIA LIVRO RESGATA VIDA E OBRA DA ESCRITORA E EDUCADORA POTIGUAR ISABEL GONDIM

# Uma intelectual múltipla

FRANCISCO FRANCERLE  
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

Para alguns, Isabel Gondim é apenas o nome de uma Escola Estadual situada no Largo Acrísio Freire, no bairro das Rocas; para outros, ela é aquela que nutria séria rivalidade com a escritora e feminista Nísia Floresta Brasileira Augusta, apesar de conterrâneas, nascidas na Vila Imperial de Papari, atual município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte.

Na visão da pesquisadora e professora da UFRN Maria Arisnete Câmara de Moraes, a educadora Isabel Gondim foi uma intelectual múltipla, com uma vida longa dedicada à educação, à história e à literatura, numa época em que a intelectualidade reduzia-se a um número muito pequeno de homens privilegiados.

"Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher" é o título do livro da pesquisadora Maria Arisnete, cuja edição ocorreu com a participação do Projeto Ler/ Diário de Natal. Ao comemorar cento e sessenta e quatro anos de seu nascimento, as obras

e a vida de Isabel Gondim continuam a ser objetos de pesquisa. Em junho passado foram completados 73 anos de sua morte e os seus biografos até hoje somente valorizam seus livros, mas sem maior aprofundamento. Qual o conteúdo e a história das edições dessas obras? Esse foi o desafio da pesquisadora, que começou a reconstrução da vida da educadora interpretando a realidade de até dois séculos.

## RECONHECIMENTO

Como escritora, Isabel Gondim teve seu reconhecimento em terras

potiguares somente aos 89 anos, em 1928, quando se tornou a primeira mulher a integrar o quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ao lado de homens ilustres como Nestor Lima, Antônio Soares e Câmara Cascudo. Entretanto, aos 48 anos, ainda em 1883, a escritora já era sócia correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

Após sua morte, foi homenageada pela Academia Norte-rio-grandense de Letras, que a tornou patrona da Cadeira nº 8, sendo ocupada por Matias Maciel e, atualmente, por

Nilton Patriota. A maior homenagem que ela recebeu do poder público, até o momento, foi a escola com seu nome, no bairro das Rocas, cujo decreto de criação data de 1934, um ano após a sua morte.

Nas obras de Câmara Cascudo, Maria Arisnete encontrou várias referências sobre Isabel Gondim. Quando o escritor Câmara Cascudo conheceu a escritora, já havia uma diferença de idade em torno dos 50 anos. Ele falava que ela era a professora mais antiga do Estado, que era séria e sisuda e que vivia eternamente para trabalhar. Ele

também dizia que ela era o tipo completo e acabado da representação de uma professora.

Um dos documentos preciosos sobre Isabel Gondim é o seu testamento, que ela ditou aos 92 anos de idade, em 1931, quando já não podia mais escrever. Sentindo o valor grandioso de suas obras, ela recomendou sumo cuidado na edição de suas composições a fim de não haver alteração no texto nem no sentido de algum período. "Neste aspecto, reside a modernidade de seu pensar e agir e a plena consciência da obra que legava à posteridade", analisou Arisnete.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 8

# Uma vida dedicada à educação

Para Isabel Gondim, o magistério é mais importante do que a poesia ou qualquer outra atividade. Alguns de seus livros tratam de noções de educação moral, religião, civilidade, higiene e caligrafia. Quando assumiu o cargo de professora primária em Natal em 1866, na Ribeira, ela se dedicou inteiramente à tarefa de educar.

Sua dedicação fez surgir seu principal livro: "Reflexões às minhas alunas". A primeira edição data de 1874 e a segunda de 1879, ambas no Rio de Janeiro. A terceira é 1910. A segunda teve uma tiragem de cinco mil exemplares, que se esgotaram. Em menos de dez anos, editou-se esse livro duas vezes. É um manual de orientações à mulher, abordando temas sobre a menina escolar, a moça em sua puberdade, a moça em sua juventude, a mulher casada e a mulher mãe.

## HOMENAGEM À EDUCADORA

Isabel Gondim nasceu em 5 de julho de 1839, no Sítio Ri-beiro, na Vila Imperial de Papari, atualmente Nísia Floresta. Morreu em 10 de julho de 1933, à rua Frei Miguelinho, nº 91, na Ribeira. Nasceu e viveu durante o regime de escravidão. Participou dos salões e conversou com as damas do Primeiro e do Segundo Reinados. Viu o regime escravocrata ser abolido e a República ser instaurada.

Para a pesquisadora Maria Arisnete, a história do Brasil da época de Isabel Gondim não é indiferente à história de hoje. Seus livros desenham as origens de nosso próprio caminhar enquanto nação, construção de cidadania, civilidade e retrata o nosso próprio estar hoje, configurando esta história. O mais instigante em sua pesquisa foi o fato de, como mulher, ter o privilégio de analisar a história de vida de outra mulher que teve outros horizontes de vida. Isso mostra que é possível escrever no controverso período marcado por restrições e tabus.

"Eu mulher, em pleno século XXI vejo Isabel Gondim como uma mulher que mostra uma sólida bagagem intelectual e que desempenha o papel principal entre as atrizes que se configuram nesta narrativa. Esta é a homenagem que presto à mulher Isabel Gondim e às anônimas intelectuais que os desvios da história escondem", concluiu a pesquisadora.

## RIVALIDADE COM NÍSIA

Apesar de conterrâneas da antiga Papari, havia um clima de rivalidade entre Isabel Gondim e a famosa escritora feminina potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta. "Muito rígida em seus princípios, Isabel não admitia certos comportamentos que fugiam aos padrões da época e Nísia tinha uma visão de mundo totalmente diferente, daí esse possível conflito entre as duas", explicou Maria Arisnete.

Ao ser convidada a falar sobre Nísia Floresta, a educadora Isabel Gondim disse, numa carta, em 1884, o que pensava a respeito de sua conterrânea: "Devo, a bem da verdade, dizer que a história da vida dessa mulher é de tal modo indecorosa que seria conveniente ficar sepultada entre nós e jamais transpor as raias do Rio Grande do Norte nessa tão prezada terra natal".

## A AUTORA

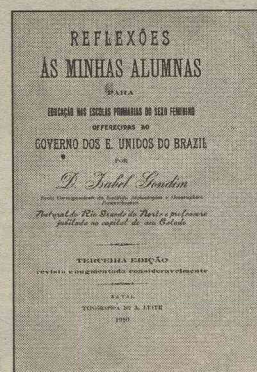
Maria Arisnete Câmara de Moraes é Doutora em Educação pela Unicamp/SP, com Pós-Doutorado na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales/Paris, e pesquisadora do CNPq. Coordena a Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias e pesquisa a história dos impressos e a formação das leitoras. É também professora do Departamento de Educação da UFRN.



"O Brasil"



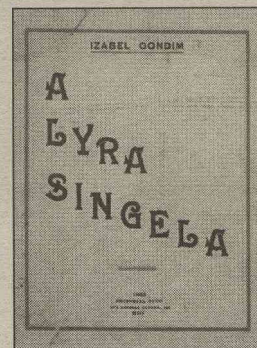
"O Preceptor"



"Reflexões às minhas alunas"



SEDIÇÃO DE 1817 NA CAPITANIA ORA ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



A LYRA SINGELA



ISABEL GONDIM, UMA NOBRE FIGURA DE MULHER - LIVRO DE DE ARISNETE CÂMARA

## AS OBRAS

Reflexões às minhas alunas, opúsculo destinado à educação e direito da mulher, da infância à maternidade;

● Brasil, poemeto, traços da história do país;

● Sedição de 1817 na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte e adjacentes;

● O sacrifício do amor à Pátria. Drama histórico, episódio da Guerra do Paraguai, em propaganda sobre a moralidade dos nossos teatros;

● O preceptor. Pequeno poema consagrado à educação escolar;

● A Lira Singela, composições metrificadas; Inéditas;

● Noções Históricas do Estado do Rio Grande do Norte;

● Curso de Caligrafia, com diferentes traslados;

● Elementos de educação, para escolas primárias de ambos os sexos;

● Resumo da história do Brasil, para escolas primárias;

● Romance familiar.



DOCUMENTO PESQUISA RESGATA VIDA E OBRA DO JORNALISTA CHRISTÓVAM DANTAS

# Lembranças de um bravo sertanejo

VALÉRIA CREDIDIO  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

"Sou dos que mais acreditam na vitória do sertanejo sobre as condições ingratas do meio. Mais tarde ou mais cedo, ela se concretizará". A afirmativa faz parte do texto de abertura do documento "A Lavoura Seca do Rio Grande do Norte", de autoria do agrônomo Christóvam Dantas.

Datado de 1920, o documento foi entregue ao Governo do Estado potiguar, sendo considerado de extrema importância, abordando questões como o aproveitamento da água, melhoria dos solos, das lavouras e das relações sociais do homem do campo.

Mais de 80 anos depois, o documento de Christóvam Dantas continua vivo e atual, com o sertanejo lutando ainda por melhores condições de vida e convívio com o clima semi-árido do sertão nordestino. O documento, na realidade, é apenas um exemplo de toda a visão de futuro e experiência de Christóvam Dantas, agrônomo por formação e jornalista por vocação.

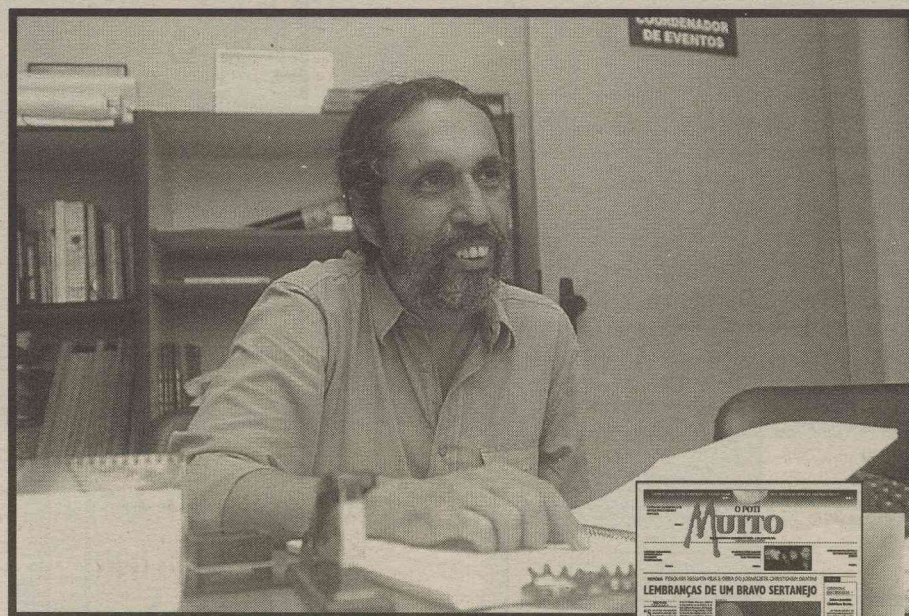
Através de seus artigos, publicados na grande maioria dos jornais da cadeia Associados, inclusive o DIÁRIO DE NATAL, Christóvam contava e comentava com o leitor os fatos políticos e econômicos locais, fazendo um paralelo com a realidade mundial e citando autores e intelectuais internacionais.

Parte destes resultados integra o trabalho desenvolvido pelo jornalista Christian Vasconcelos, que atendendo a um pedido do Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Norte, iniciou uma pesquisa sobre os artigos econômicos publicados na imprensa potiguar. Qual não foi a surpresa do pesquisador ao detectar que cerca de 90% dos artigos publicados eram de autoria de um único autor: Christóvam Dantas.

"Tomando conhecimento do fato, ficou resolvido que o livro seria publicado apenas com o seu trabalho, havendo um resgate dos temas e da sua importante colaboração à época", explicou a economista Virgínia Ferreira, então Presidente do Conselho Regional de Economia. Por falta de apoio, o projeto do livro ficou engavetado cerca de oito anos, sendo retomado, em 2003, com o apoio do DIÁRIO DE NATAL. "É um trabalho de extremo valor não apenas para a economia do Estado, mas para o jornalismo e para sua história", ressaltou Virgínia.

A opção pelo jornalismo teve como principal incentivador o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, que acreditava em novos redatores, dando preferência aos nordestinos. Christóvam era considerado um dos fundadores dos Associados em São Paulo, auxiliando Chatô nas missões mais importantes.

Em um de seus artigos, "Política com P minúsculo", Christóvam destaca a crise política vivida durante o governo de Aluísio Alves, que culminou com a saída de três secretários de Estado: Calazans Fernandes, da Educação; Eider Toscano, da Agricultura, e Ivanaldo Bezerra, do Departamento de Assistência ao Cooperativismo. O artigo, na verdade, foi publicado após a crise, fazendo, também, uma análise do enfoque dado



Christian Vasconcelos pesquisa a obra de Cristóvam para o Conselho Regional de Economia

**MATÉRIA PUBLICADA DIA  
06/07/2003 - CAPA DO MUITO  
O POTI - ATUALIZADA**



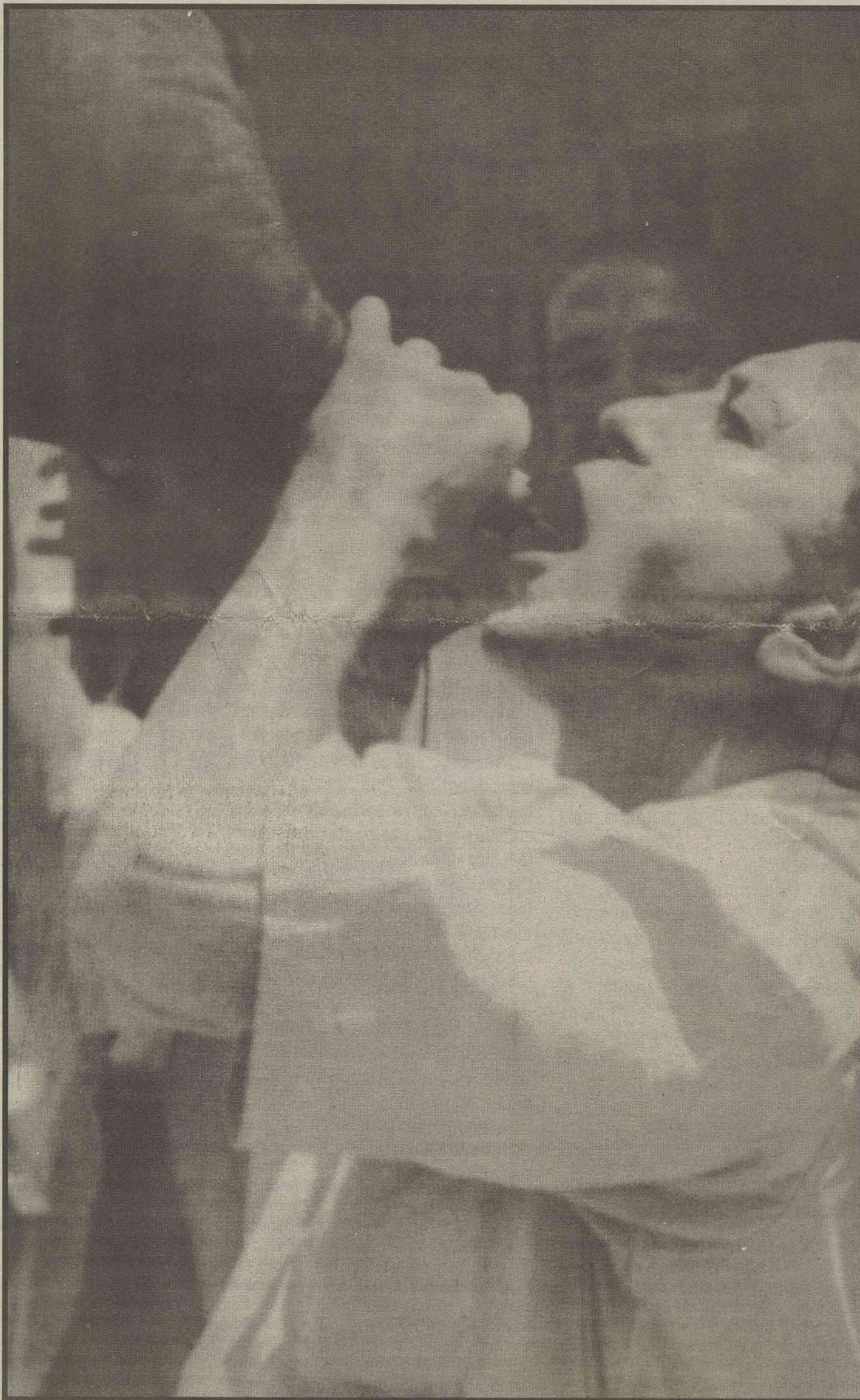
pela imprensa. E mesmo nunca tendo abordado diretamente a crise política em seus artigos, Christóvam republicou um artigo onde se posicionava ante o programa norte-americano da Aliança para o Progresso. Dizia o texto: "Se o Plano Marshall produziu os frutos esperados é porque ele brotou e emanou das necessidades da própria Europa(...). A Aliança para o Progresso estará fadada ao insucesso, se não se inspirar também na mesma fonte. Se ela objetiva o fortalecimento e a vigorização de nossas democracias, ainda embrionárias, que as suas linhas de ação e as responsabilidades de seu funcionamento partam de nós mesmos. Então, sim, engendraríamos um instrumento de promoção de nosso bem estar comum, coroado pela boa compreensão e o espírito sincero de ajuda e de colaboração(...)".

Uma forte característica de Christóvam em seus artigos, muitos escritos em Natal e repassados para os principais jornais dos Diários Associados, é a citação de pensadores e intelectuais internacionais, fazendo uma análise e traçando um paralelo entre esses pensadores e a realidade brasileira. Em "A Capitania Preguiçosa", publicado no DIÁRIO em 20 de fevereiro de 1962, o jornalista cita o sociólogo francês Roger Bastide, que chamava a atenção para o Brasil, uma terra de contrastes, havendo uma grande diferenciação de teor de riqueza que se observava entre as unidades da nossa Federação.

Para Christóvam, em virtude de um conjunto de causas, derivadas de nossa formação histórica, jamais conseguimos nivelar ou, pelo menos, atenuar essas situações. Em seu texto, ele faz um resgate histórico, dos fins do século XVIII, quando São Paulo foi batizada de Capitania Preguiçosa, levando em conta o ciclo do açúcar no Nordeste, representando um setor economicamente vivo e dinâmico da nação, enquanto o Centro e o Sul padeciam de infantismo estrutural.

No entanto, em 1962, São Paulo já surgia como a grande potência econômica do Brasil. Christóvam analisa da seguinte forma: "...juntamente com outras unidades sulinas, São Paulo é o nervo motor da economia brasileira. O seu setor dotado de maior impulso criador, o Nordeste não exibiu mais ímpeto de crescimento e de expansão de antanho, não acompanhando a cadência e o ritmo de transbordamento do Meridão. O Oeste e o Extremo-Norte constituem ainda esperanças econômicas e zonas à espera do sopro animador do desenvolvimento".

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 10



## ARTIGO

CHRISTIAN VASCONCELOS\*

Sobre o jornalista  
Christóvam Dantas...

*Christóvam Dantas é um norte-rio-grandense que a sociedade potiguar precisa resgatar do anonimato.*

*Agrônomo por formação e jornalista por opção ou, talvez, por imposição da vida, ele acabou de toda sorte sendo um dos precursores do jornalismo econômico brasileiro.*

*Seus artigos, ainda que se pudesse discordar da orientação político-ideológica, tinham sempre a característica de serem fundamentados em dados resultantes de estudos e pesquisas recentes, evidenciando que Christóvam estava "antelado" com a realidade de sua época, e que procurava evitar especulações.*

*Para o grande público, por intermédio de vários veículos da mídia impressa, Christóvam Dantas escreveu regularmente durante mais de 30 anos. Milhares de artigos desse norte-rio-grandense foram veiculados na Revista O Norte, que circulava na então capital federal - o Rio de Janeiro; em A República, periódico local; no Diário de São Paulo; no Diário de Natal e em O Poti; e nos demais veículos da rede dos Associados.*

*Na década de 20, com pouco mais de 20 anos, Christóvam já escrevia para O Norte e para A República. Estes veículos publicavam crônicas sobre a sociedade norte-americana, enviadas por ele, que lá se encontrava fazendo um curso de especialização em genética do algodão.*

*Na imprensa natalense, especificamente no Diário de Natal, a equipe que comigo catalogou sua produção conseguiu registrar um total de 1.629 artigos, dos quais 975 publicados entre outubro de 1951 e dezembro de 1955; e 654, entre agosto de 1961 e agosto de 1964; períodos em que Christóvam aqui residiu, servindo a governos estaduais.*

*Já em São Paulo, onde sua produção foi muito mais ampla, pois lá viveu a maior parte de sua vida como jornalista, o reconhecimento chegou com a concessão do Prêmio Hipólito da Costa, conferido pela FIESP, por intermédio do Fórum Roberto Simonsen, em maio de 1960. Esse Prêmio destinava-se a distinguir o jornalista que mais se destacara no trato dos problemas da indústria, no decorrer do ano anterior.*

*Na vasta produção de Christóvam, os artigos que considero de maior atualidade são aqueles relacionados com a economia internacional, especialmente os que tratam da formação de blocos econômicos. Para que se tenha uma idéia, em 1961 - há 42 anos, portanto, ele já escrevia sobre a tendência mundial favorável à formação de blocos econômicos, alertando para o papel do Brasil, em relação aos demais países da América do Sul.*

*Resgatar a obra de Christóvam, que não foi condensada em livros mas que influenciou gerações, é tarefa gigantesca. Porém, considero um esforço fundamental, para que o Rio Grande do Norte e o Brasil possam conhecer um pouco mais de si mesmos.*

\* Jornalista

RECONHECIMENTO AUTOR DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO LIVRO "LEITURAS POTIGUARES", O PROFESSOR ANTÔNIO GOMES DA ROCHA FAGUNDES, 20 ANOS APÓS SUA MORTE, É HOMENAGEADO PELO PROJETO LER DO DIÁRIO DE NATAL E PELO GOVERNO DO ESTADO COMO PATRONO DE COLEÇÃO DE FASCÍCULOS

# História de um ícone entre os educadores do Estado

FRANCISCO FRANCERLE  
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

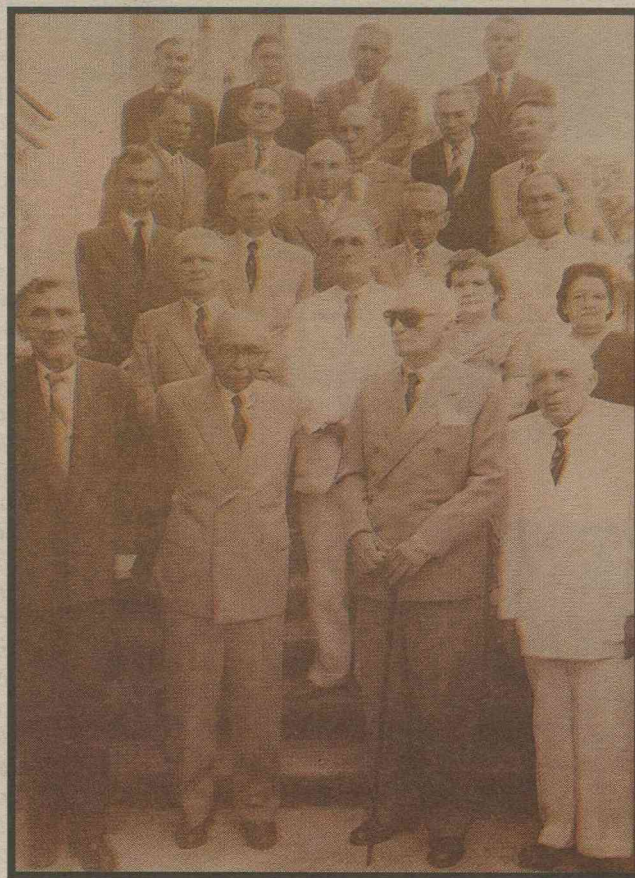
Ele era um mestre em praticamente tudo que fazia. Foi alfaiate, professor, escritor, fotógrafo e até poeta. Mas o zelo do professor Antônio Gomes da Rocha Fagundes à causa da educação no Estado, ora desbravando ou construindo escolas, ora ensinando ou disciplinando é o que mais surpreendia. O Professor Fagundes é um ícone da educação no Rio Grande do Norte o que já lhe valeu ser patrono de duas escolas que têm seu nome, uma em Natal e outra em Mossoró, e o Prêmio Fernando Chinaglia 1981, concedido pela União Brasileira de Escritores.

A palavra austeridade sempre foi sua marca desde a sala de aula até os gabinetes dos cargos que ocupou. Foi assim na Casa da Cultura do RN, na Associação dos Professores, no Instituto de Proteção à Infância e na Academia Norte-rio-grandense de Letras, de onde foi membro fundador ocupando a cadeira de nº 14, que tem como patrono o seu primo Joaquim Fagundes e é ocupada por Armando Negreiros. No Departamento Estadual de Educação, cargo correspondente ao de secretário de Estado, ele conseguiu legalizar, nacionalmente, a profissão dos professores formados pela Escola Normal, atitude copiada depois por todas as escolas de magistério do país. E na Escola Sete de Setembro que foi por ele construída.

Após mais de 20 anos de sua morte, o professor Fagundes voltou a ser homenageado pelo Projeto Ler/DN Educação do DIÁRIO DE NATAL e Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Desportos. Autor da primeira edição do livro "Leituras Potigüares", em 1935, que era uma coletânea de escritores locais, o professor Fagundes é agora o patrono da série de 12 fascículos escritos por importantes escritores sobre a história e a geografia do Rio Grande do Norte. A coordenação da Coleção teve a responsabilidade da jornalista Rejane Cardoso e a supervisão da professora Isaura Amélia de Souza Rosado Maia.

## PRIMEIRO EMPREGO

Antônio Fagundes nasceu no sítio Paú, em um engenho que cultivava a cana para a fabricação de açúcar e aguardente, vizinho ao município de Vila Flor, nas proximidades de Canguaretama. Seus pais eram primos legítimos, Pedro Regalado e Leonor Miquilina da Rocha Fagundes. Ele se orgulhava em dizer que aprendeu a ler na famosa "cartilha do ABC" de Laudelino Rocha. Com apenas seis anos de idade começou a trabalhar, quando veio para Natal na companhia



**MATÉRIA PUBLICADA  
DIA 28/09/2003 - NAS  
PÁGINAS 12 E 13 DO  
CADERNO DE CIDADES  
DE O POTI - ATUALIZADA**

**Com os imortais da  
Academia de Letras,  
onde o professor  
Fagundes ocupava a  
cadeira de nº 14**

do tio-padrinho Salustiano Rocha. Foi escrevente no cartório onde o tio era tabelião. Começou daí, certamente, o seu grande gosto pelas letras.

Estudou no Colégio Santo Antônio, até 1907, no Atheneu onde fez o chamado 'curso de madureza', na Escola de Aprendizes Artífices, onde recebeu seu diploma de alfaiate. Na época, ele se destacou na profissão, recebendo o título de Oficial de Alfaiate e na Escola Normal de Natal,

onde foi diplomado como professor primário.

Assumiu a função de professor no Grupo Escolar Tenente José Correia, na cidade de Assu (1916 a 1923), onde veio a escrever o seu primeiro livro: "História e Geografia do município de Açú", publicado em 1923. Com esta obra, ele se credenciou a ingressar na Academia Norte-rio-grandense de Letras. Ali também fez um esboço de uma Carta Geográfica, um trabalho feito com

técnicas cartográficas. Mas nesse mesmo ano, transferiu-se para Natal para trabalhar no Grupo Escolar Frei Miguelinho.

Aos 20 anos de idade, o Professor Fagundes resolveu se casar e, semelhantemente a seu pai, escolheu uma prima. Era a prima Maroquinha, 18 anos, órfão de pai e mãe que se tornou Maria de Almeida Fagundes. Segundo Mário Sérgio de Sá Leitão, neto do professor Fagundes, o casal não teve filhos, mas assumiu os três sobrinhos órfãos de pai (José de Sá Leitão) e filhos de Nazinha, cunhada do professor: José Waldenício, Gilvan e Teresinha. Em 1927 foi nomeado para trabalhar em Mossoró, onde teve uma participação estratégica na resistência às Tropas do cangaceiro Virgulino Lampião. Ele foi diretor da Escola Normal de Mossoró. Dirigiu o Grupo Escolar 30 de setembro, assistiu o Colégio Diocesano Santa Luzia e foi nomeado Inspetor de Ensino Primário. Mas aí veio o Movimento Revolucionário de 1930 e novamente foi convocado para a direção da Escola Normal de Natal que passava por um momento de crise.

Em 1939 veio a sua nomeação para a diretoria geral do Departamento de Educação, o principal cargo na área de educação do estado, onde conseguiu a legalização do diploma de professor e construiu quatro prédios para grupos escolares. Depois saiu para assumir, durante dez anos, a cadeira de português no Atheneu Norte Rio-grandense, ingressando, em seguida, na Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, instituição mantenedora da Escola Doméstica de Natal. Ali, ele ensinou matemática, pedagogia, psicologia geral e educacional, servindo com muita dedicação à educação da mulher potiguar. A diretora da ED, professora Noilde Ramalho, dedica-lhe profunda admiração: "Professor Fagundes era um homem simples, sem muitas ambições e muito justo na arte de julgar".

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 12



Professor Fagundes no desfile das normalistas, na Escola Normal de onde era diretor. Abaixo, vemos na foto o professor Fagundes, ao lado do seu neto Mário de Sá Leitão, dos professores Alvarado Furtado, Luciano Nóbrega e do então secretário de Educação Grimaldi Ribeiro, numa justa homenagem que lhe conferida pelo prefeito José Pinto Freire

## Ele fundou o Ginásio 7 de setembro

O professor Fagundes também teve uma marcante atuação junto a escolas particulares, foi assim com o Ginásio Sete de Setembro, uma das maiores escolas particulares da cidade, que dirigiu de 1943 a 1959. Nessa época, a escola funcionava em um prédio na rua Princesa Isabel, conseguindo transferi-lo para a rua Seridó. A planta do prédio foi desenhada pelo próprio professor Fagundes que administrou a obra e a inaugurou em 12/10/1944. O Ginásio Sete de Setembro foi uma escola reconhecidamente modelar.

Além das inúmeras funções que assumiu no magistério, o professor Fagundes militou na imprensa de Mossoró e Natal, escrevendo no jornal A República sobre educação, família e sobre a pátria. Ainda encontrava tempo para escrever poesias e se dedicar à arte de fotografar, ainda no tempo das máquinas de fole e negativos em chapas de vidro.

De acordo com a poetisa Aldenita de Sá Leitão, da Associação de Jornalistas e escritoras do Brasil e da Academia Feminina de Letras, o professor Fagundes não parecia ser uma pessoa muito comunicativa, mas prezava pela amizade conquistada. Era desprendi-



Com os imortais da Academia de Letras, onde o professor Fagundes ocupava a cadeira nº 14

do de bens materiais e não gostava de falsos elogios. Com serenidade, ele resolvia seus problemas, com lógica, razão e respeito. Mas quando ferido, agia energeticamente, era impetuoso.

Na sua delicada missão de diretor de escola era altivo e autoritário, simplesmente respeitado por todos. Algumas de suas atitudes seguem até hoje sua história. Uma delas foi relatada pelo também

imortal da ANL, professor e escritor José Melquíades, em discurso no dia 10 de fevereiro de 1983. "Fagundes tinha um modo especial de disciplinar. Ao surpreender um aluno em flagrante indisciplina, costumava dar-lhe as costas e virava-se para um aluno inocente e disparava o sermão; depois, voltava-se para o verdadeiro culpado e, com autoridade, lavrava a sentença final: "Cinco dias de sus-

pensão e... DESAPAREÇA!"

### LIVROS PUBLICADOS

O professor Fagundes editou, ao todo, sete livros, a maioria de conteúdo didático. Alguns ficaram por publicar. "Os livros que estão inéditos ficarão aguardando o tempo que tudo destrói", como disse o próprio Fagundes anos antes de falecer, aos 86 anos de idade, em 10/10/1982. Seu primeiro livro foi "História e Geografia do município de Açú" (1923), "Leituras Potigüares" (1935) - Coletânea de poetas e escritores sobre o RN, "Educação e Ensino" (publicação oficial), 'O Cruzeiro', 'Vida e Apostolado de D. Joaquim Antônio de Almeida - 1º bispo de Natal', 'Os símbolos nacionais' (duas edições), 'O Rio Grande do Norte'. A Publicar: 'Notas sobre Canguaretama', 'O Vigário Bartolomeu', 'Cento e vinte crônicas sobre educação', 'Marcelo e sua casa', 'Dúvidas e dificuldades da língua vernácula' e 'Reminiscências'.

De acordo com seu filho, José Waldenício, a dificuldade que encontrou para publicar a 2ª edição de Leituras Potigüares lhe causou profundas mágoas que levou para o túmulo. Mesmo assim, jamais teve um gesto de revolta.

### DEPOIMENTOS



O professor Fagundes foi um homem voltado para a educação, à sala de aula o seu território, à matemática, seu fascínio. Lembrar do professor Fagundes é sentir o seu chegar. De andar leve como a brisa e agradável como o favorecimento do vento. Magro, estatura mediana, olhar profundo como se quisesse através da luz de seus olhos imprimir a luz do seu saber na mente de seu interlocutor. Lembrar do prof. como diretora da ED é reviver a sua presença diária no cumprimento de um horário que nem o tempo nem motivo algum alheio à escola, o fazia faltoso.

Noilde Ramalho

(Diretora da Escola Doméstica de Natal)



"Mestre de inúmeras gerações, em sua longa experiência demonstrou tirocinio e correção exemplar. Homem simples, afável, reto, foi um modelo exemplar de pai e cidadão honrado que para ampliar seu orçamento doméstico instalou em sua residência um externato particular. Dedicou toda sua vida ao ensino. Dirigiu várias escolas, foi secretário de Educação e diretor do Ginásio Sete de Setembro com dedicação, abnegação e sacrifício. Quando foi presidente da Associação dos Professores foi um dos fundadores da revista Ensino, ao lado de José Saturnino e Manoel Varela de Albuquerque".

Luís GM Bezerra

(Desportistas e ex-dirigente da Telern)



MATÉRIA PUBLICADA DIA  
31/03/2002 - PÁG. 5 - CIDADES  
O POTI - ATUALIZADA

PERFIL BEATRIZ SANCHO BANDEIRA RYFF, 96, MILITANTE, POETA E DESCENDENTE DE ÍNDIOS DO OESTE POTIGUAR

# A doce comunista das letras

FRANCISCO FRANCERLE  
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

Para quem viveu com os militares nos calcanhares, chegar aos 96 anos esbanjando saúde, lucidez e simpatia é, antes de tudo, uma dádiva de Deus, até mesmo em se tratando de uma comunista histórica.

Filha do mossoroense Alípio Bandeira e da Gaúcha Rosália Nanci Baqueira Leal, abolicionistas ferrenhos, ela tem sido, nos últimos anos, tema de matéria nas revistas *Veja/Istoé* e *Jornal do Brasil*, além de figurar nos verbetes do "Dicionário de Mulheres", de Hilda Agnes Hübner Flores, e no "Dicionário Mulheres do Brasil - de 1500 a 2000", de Jorge Zahar.

Guerreira por natureza, talvez seja Beatriz Bandeira a militante comunista de mais idade atualmente. Ela nasceu em 8 de novembro de 1909, no Rio de Janeiro, onde mora e de onde concedeu entrevista, por telefone, à reportagem do DIÁRIO DE

NATAL. Aposentada como professora de técnica vocal do Conservatório Nacional de Teatro, no Rio de Janeiro, Beatriz Bandeira tem na sua expressão de voz o maior trunfo de jovialidade. Apesar dos 92 anos, fala com segurança e com todas as letras e fonemas. É realmente de impressionar. "O segredo de se falar como jovem é falar corretamente e com propriedade, observando todos os aspectos da sonoridade. Isso, aliando-se a uma forma afetuosa e simpática de falar, é uma verdadeira arma nas mãos do comunicador", ensinou.

A vida de Beatriz Bandeira foi sempre marcada pela força de resistência

Essa é a doce Beatriz Sancho Bandeira Ryff, descendente de índios da região do Oeste potiguar, que foi destaque na mídia nacional na passagem dos 80 anos do Partido Comunista Brasileiro.

do Partidão e pela sensibilidade da atriz, poetisa, tradutora e cantora que sempre foi. "Meu primeiro livro quem me deu foi meu avô, 'As Primaveras', de Casimiro de Abreu. Foi também o avô que lhe ensinou francês. "Sempre tive o ideal na cabeça e a arte no sangue que, misturando, resulta na fórmula da jovialidade. Por isso, sou avessa ao tempo". Seu amor à música vem da infância. Como ela mesma sempre diz, nas entrevistas, foi alfabetizada com poesia e amamentada com música. A mãe tocava bando-lim, seu pai Alípio além de militar era escritor e seu avô lhe dava poesias para ler. Formou-se em piano pela

Escola Nacional de Música.

"E a Beatriz não vai querer cantar?", foi assim que o escritor Graciliano Ramos perguntou por ela no seu livro *Memórias do Cárcere*, onde aparece a Beatriz em plena cela do presídio da Frei Caneca, onde o escritor também estava preso. "Quando eu soltava minha voz, eu era poderosa", lembra. Na prisão, eu segurava na cela e ninguém me impedia de cantar paródias. "Praia maravilhosa/ Cheia de balas mil/ Vermelha e radiosa/ Sentinela do Brasil", dizia a paródia de Cidade Maravilhosa em homenagem à Praia Vermelha, lugar de vitórias da esquerda.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 14

## PROFESSORA

Cursou os ensinos primário e secundário com sua mãe, até o ano de 1930. Posteriormente, ingressou na Escola Nacional de Música, no Rio de Janeiro, sendo diplomada em Piano, no ano de 1933.

Tornou-se professora de Canto Orfeônico em Florianópolis e depois em São Leopoldo. Residiu muitos anos no Rio Grande do Sul, para onde seu pai foi transferido, em mais um castigo que recebeu no Exército por suas atitudes interpretadas como insubordinação. Lá, exerceu o cargo de Superintendente de Educação Artística da Secretaria de Educação do Estado.

De volta ao Rio, foi professora do Conservatório Nacional de Teatro e filiou-se à Juventude Comunista, por intermédio de Costa Leite, um ex-oficial das Forças Armadas que havia perdido a patente por ser comunista. Mais tarde, integrou-se à Aliança Nacional Libertadora responsável pelo levante de 1935 e levada para a sala 4 da Detenção da Rua Frei Caneca, onde conheceu figuras ilustres como Graciliano Ramos e Olga Benário, esposa do principal expoente do comunismo no Brasil, Luís Carlos Prestes, que foi entregue ao nazismo pelo governo de Getúlio Vargas.

Seu primeiro exílio foi em Montevideo, no Uruguai, onde casou-se com o jornalista Raul Ryff, que veio a ser chefe da Casa Civil, do presidente João Goulart. Foi no Uruguai que publicou o livro *Ouro e Sândalo*, de crônicas poéticas, e *Poemas de Sempre*. De volta ao Brasil, foi colaboradora da revista *Leitura* e do jornal *A Manhã* e *Momento Feminino* e de vários outros jornais gaúchos e cariocas, sempre usando o pseudônimo de Djane Martins. Publicou ainda *Mensagem*, *Roteiro* e *Profissão de fé*, todos de poemas, e mais *A resistência*, de memórias.

## Estudou inglês com o Barão de Itararé

"Eu sou avessa ao tempo. Ninguém diz que sou uma mulher quase centenária. Acho que sou privilegiada por ter convivido com pessoas tão especiais. Uma das minhas grandes satisfações na vida foi conhecer, pessoalmente, Che Guevara. Era uma pessoa doce e maravilhosa, cheia de ternura, fazendo jus à sua tradicional frase: Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás!", declara. Já a mãe do Che Guevara, conta Beatriz, era justa-

mente o contrário: era ríspida e de ternura não tinha nada. Ela passou uma temporada no Brasil e foi homenageada pelas mulheres do partido.

Beatriz conviveu com pessoas com quem aprendeu. Foi assim com Carlos Marighela, que conheceu em Porto Alegre, em 1947. Com Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes, Nise da Silveira, Maria Werneck de Castro, Eugênia Moreira, casada com o dramaturgo Álvaro Moreira, e Eneida, além de

Graciliano Ramos, com quem construiu uma longa amizade até a hora da morte do escritor. "Quando ele não queria ver ninguém, me recebia com alegria", disse.

Entre os companheiros de prisão, ela recorda do Barão de Itararé (Aparício Torelli), escritor e chargista do Globo. Foi com ele que ela aprendeu inglês. "Ele jogava para minha cela caixas de fósforos com exercícios de inglês dentro".

## AVISITA A MOSSORÓ

Em 1980, visitou Mossoró, pela segunda vez, quando foi à cidade pela primeira vez, era adolescente e tinha ido para conhecer a avó índia, mãe de seu pai. Dessa época nasceu o poema "Mossoró", quando retratou a aridez do clima e a coragem do homem, frente às intempéries da região. De Mossoró, ela diz lembrar de figuras ilustres e tradicionais, como Vingt-un Rosado e a família de Ronald de Góes.

## Alípio foi soldado de Rondon e Floriano

Alípio Bandeira, filho legítimo de Odilon Abdolino Pinto Bandeira e de Vicência Ainélia, nasceu em Mossoró, aos 15 de agosto de 1872. Em Areia Branca, Alípio, aos 15 anos, teve seu primeiro emprego. No seu primeiro livro, "As Sertanejas", ele canta a sua terra, as imagens da infância, as paisagens físicas e humanas da sua Mossoró.

Odilon Abdolino Bandeira era joalheiro exímio, morreu deixando dona Vicência com 11 filhos, em situação de verdadeira pobreza. Alípio preocupou-se com o sustento de sua mãe e oito irmãos menores e começou a estudar e trabalhar na Escola Militar do Ceará. Em 1893, já está na Escola Militar da Praia Vermelha. Na revolta da Armada, foi soldado valoroso de Floriano Peixoto, de quem se tornara fervoroso admirador. Foi soldado, prosador, poeta e patriota, Alípio percorreu o Mato Grosso, Amazonas, Pará, Acre, Bahia, São e Rio Grande do Sul.

No extremo Norte, serviu sob o comando do general Olímpio da Silveira, na expedição do Acre. Em 7 de novembro de 1906, ingressou na Igreja Positivista, casando com dona Rosália Nanei Bagueira Bandeira, filha do general médico Joaquim Bagueira.

Em 1922 escreveu a "pequenina teoria da punição, vulgarmente chamada de castigo", publicada no "Correio da Manhã" que teve uma grande repercussão na imprensa do País. Outra grande paixão de Alípio foi a defesa do silvícola brasileiro. Pertenceu à Legião dos Mortos imortais de Rondon. Ele foi um dos mais devotados servidores do Serviço de Proteção aos Índios.

Lutou pela implantação do Centro Agrícola de Mossoró, pelo batizado de Rondônia. E quando foi convidado para substituir o interventor no Rio Grande do Norte, Irineu Jofili, ele disse que não aceitaria para não desgostar os amigos.



Beatriz Ryff no colo de sua mãe, em 1910

## MOSSORÓ

*Em um vento morno de salitre e fogo  
abre flores de sal nos velhos muros  
Esquálidos meninos macilentos  
tangem bandos de cabras esqueléticas e,  
sob um sol que queima e um chão que  
abrsa,  
desenham Portinaris na paisagem.  
"Índio é terra que anda"  
disse um poeta.*

*E eu vejo em tua gente,  
retorcidas raízes, rijos caules,  
e essa força que brota de entranhas  
mineraias  
da terra calcinada, e se prolonga  
em duras caminhadas.*

*Mossoró, Mossoró,  
predestinada aurora,  
pioneira de lutas precursoras  
castigada e sofrida sentinela  
de histórias vigílias.*

*Um vento morno de salitre e fogo  
abre flores de sal nos velhos muros  
e lágrimas de dor choram meus olhos  
de saudade e de ausências consumidas.*

Beatriz Ryff  
Poetisa

## Da sala de aula direto para o exílio

Com o golpe militar, em 1964, foi demitida pelo regime militar do cargo de professora de técnica vocal. Ela e o marido foram procurar asilo na embaixada da Iugoslávia. Com a Anistia, voltou para o Rio, mantendo sempre sua postura política em defesa da democracia e da justiça social. Em 1990, publicou um livro de memórias, "A resistência". Do exílio em Belgrado, os Ryff foram para Paris, onde Raul trabalhou para a *tevé* francesa e Beatriz fez a cobertura de desfiles de moda para uma agência de notícias brasileira.

O livro "A fome", de Knut Hamsun, doado pelo subalterno e amigo de seu pai, Costa Leite, viria a transformar totalmente sua trajetória de vida. O pai, Alípio Bandeira, era uma militar posi-

tivista que teve problemas com os artigos insubordinados que escreveu, analisando a política de Artur Bernardes, como "A punição vulgarmente chamada de castigo".

Beatriz tem dois filhos gêmeos - Sérgio, que é uma homenagem a Luís Carlos Prestes, e Tito Bruno, uma dupla homenagem: ao Marechal Tito, que unificou a Iugoslávia em 1945, depois da Segunda Guerra Mundial, e a Giordano Bruno, filósofo italiano que foi queimado na fogueira da Inquisição. Tito Bruni Bandeira Ryff (foi o secretário de Estado e Desenvolvimento Econômico e Turismo do Governo Anthony Garotinho), no Rio de Janeiro. Já foi, também, por duas vezes, secretário de Brizola.

## DEPOIMENTO

*Beatriz Sancho Bandeira Ryff é uma das mais importantes mulheres da História do Brasil no Século XX. Poeta e militante comunista, esteve na prisão (no período do levante comunista de 1935) ao lado de grandes expoentes da esquerda brasileira. Seu pai, Alípio Bandeira, foi um mossoroense ilustre, oficial do Exército Brasileiro, que assessorou Cândido Rondon e Floriano Peixoto. Autor de vários livros sobre problemas brasileiros, é nome de praça em Mossoró.*

*Beatriz é viúva de Raul Ryff, secretário de imprensa de João Goulart e mãe de Tito Ryff, economista, que foi secretário do Governo do Rio de Janeiro, por três ocasiões (Governos de Leonel Brizola e de Anthony Garotinho). É também prima, em 1o grau, do Coronel do Exército Milton*

*Freire, que comandou a Polícia Militar do RN e Patrono da sua Academia para formação de oficiais.*

*Visitei-a por duas vezes no Rio de Janeiro, onde deu-me exemplares dos seus livros de poesia e contou-me histórias de seu exílio após o golpe de 1964. Principalmente os períodos passados na ex-Iugoslávia, onde ficou amiga do Marechal Tito (nome do seu primogênito em homenagem ao marechal). Está atualmente com 96 anos.*

*Nossa ligação vem do fato de Alípio Bandeira, seu pai, ser primo do meu avô e pai de criação, Antônio Lúcio de Góes, ex-prefeito de Areia Branca.*

Ronald de Góes  
Arquiteto e Urbanista, professor da UFRN

RESGATE TESE DE PEDAGOGA CONTA HISTÓRIA DOS EDUCADORES DO SERIDÓ

# Quem não lembra da primeira professora?

FRANCISCO FRANCERLE  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

É praticamente impossível não lembrar da primeira professora, principalmente quando se começou a estudar numa pequena cidade de interior. É assim em qualquer parte do mundo, é assim em Ipueira, uma pequena cidade da região Seridó do Estado. Lá, todos conhecem a professora Floripes Medeiros, ou dona Lipe, como é carinhosamente chamada. Ela foi a primeira professora de praticamente todas as gerações de moradores da cidade. Foi ela quem ensinou a ler e a escrever tanto pobres quanto fazendeiros e até os que vieram a se tornar políticos na região.

A história da professora Floripes é apenas uma das muitas histórias de professoras primárias que exerceram a profissão ao longo do século XX, entre os anos de 1901 e 1979, e que agora estão sendo resgatadas pela professora de Pedagogia do CERES, em Caicó, Grinaura Medeiros.

"Abraço de Gerações: memórias de professoras primárias no Seridó - uma viagem pelo século XX" é o título da tese que Grinaura apresentou à Universidade Federal do Rio Grande do Norte ao concluir a Pós-Graduação em nível de doutoramento.

A pesquisa resgata não apenas a história da educação nas cidades do interior do Estado, mas, sobretudo, reconstitui a memória e a trajetória de vida das primeiras professoras. A tese constitui um corpo de saberes germinados pelas narrativas de professoras participantes do processo de escolarização da Região do Seridó

"Para construí-la, entrevistei três gerações sucessivas de professoras em cinco cidades dessa região: Caicó, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó e São João do Sabugi. As professoras foram trazidas para a cena da história por meio de suas memórias deixando para as gerações vindouras, o legado imemorial de suas vidas pessoais e profissionais".

Essas professoras construíram a educação em suas cidades, sem praticamente recurso nenhum, a história de cada uma delas se confunde com a história da própria cidade. "Apesar disso, não são lembradas em documentos, historiografias e sequer têm o nome citado nos discursos de



Grinaura Medeiros é professora do curso de Pedagogia da CERES - UFRN, na cidade de Caicó

inauguração de salas de aula", afirmou a professora Grinaura Medeiros, acrescentando que no Seridó apenas uma cidade homenageou um antigo professor dando nome a uma escola, a Escola Professor Raimundo Guerra, em Caicó.

Mas a indicação dos professores foi precedida de uma consulta popular, nas escolas e comunidade. Já o estudo foi realizado através de um levantamento biográfico e fotográfico dos professores.

## CULTURA ESCOLAR

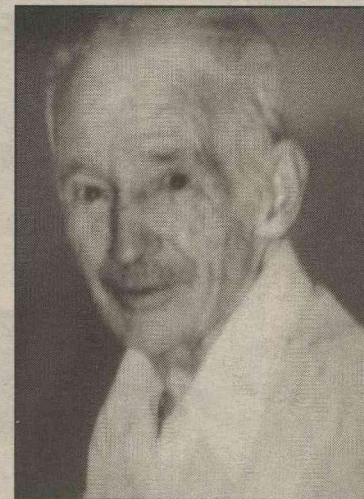
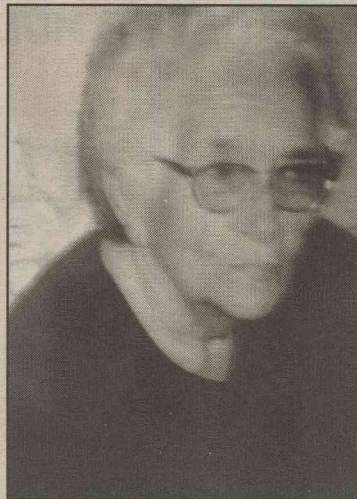
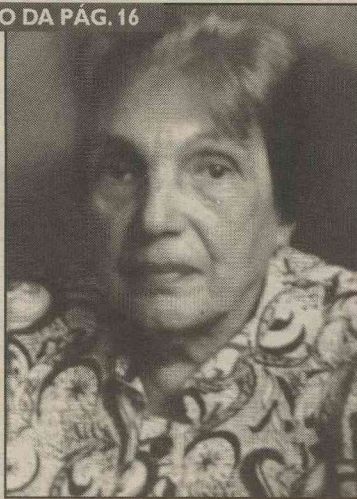
O projeto da professora Grinaura revela a prática da cultura escolar e possibilita um novo olhar sobre os processos educativos e inovações adotadas pelos professores. "Percebemos claramente a transformação do ensino na sala de aula, no relacionamento entre professores, alunos e pais. Foi possível resgatar também objetos da cultura escolar, como a palmatória, o quadro de giz, o tinteiro e o birô", disse.

A pesquisa dar a saber, ainda, sobre os processos histórico-educativos, os modelos de escolaridade vivenciados em épocas distintas, as conexões das práticas escolares com os contextos históricos em que se realizam, e ainda, aprofunda as discussões sobre a prática da entrevista enquanto instrumento de captação de narrativas, o aprofundamento dos estudos sobre subjetividade e memória como componentes do argumento de validação do trabalho.



MATÉRIA PUBLICADA  
DIA 08/06/2003 -  
CAPA DO MUITO  
O POTI - ATUALIZADA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 16



## População escolheu professores do século

Contando com o apoio dos alunos de Pedagogia do CERES, das Secretarias Municipais de Educação e das Prefeituras Municipais, a professora Grinaura também realizou a eleição do Professor do Século, nos anos de 2001 e 2002. Essa foi uma maneira de envolver a comunidade na sua pesquisa, despertando o interesse pela história de vida dos professores, que contribuíram para a construção da própria história das cidades. Em cada cidade foi realizada a eleição do seu professor do século.

Foi grande a euforia da população com a escolha do professor do Século, principalmente nas escolas, cujos alunos e educadores, além das famílias dos professores envolvidos e diretores de escolas prestaram grande contribuição na indicação, escolha e divulgação dos candidatos.

As eleições tiveram a colaboração do

Tribunal Regional Eleitoral que cedeu urnas eletrônicas. Só em Caicó foram cinco mil eleitores. As professoras Nathércia Cunha de Moraes, com 104 anos, recebeu uma das maiores votações de Jardim do Seridó. Ao longo do seu projeto, a professora Grinaura Medeiros conseguiu resgatar curiosidades e histórias emocionantes desses profissionais.

São os exemplos também do professor Juvenal Medeiros, que construiu a primeira escola de São Fernando e a professora Maria Calixto de Medeiros, que, voluntariamente, dava aulas no chão de sua cozinha para crianças carentes em Jardim de Piranhas. Um trabalho valioso que acompanha os alunos durante toda vida. Mesmo sem ter o merecido reconhecimento da sociedade, o maior prêmio dessas professoras sempre foi e ainda continua sendo a satisfação de ver o sucesso dos seus alunos.



### Professores pesquisados na Região do Seridó:

Almira de Araújo (Acari); Myrtila Moura Lima Lobo, Raimundo Guerra, Teodora Vale Lopes, Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira, Joaquim de Farias Coutinho, João Agripino Dantas e José Gurgel de Araújo, Iglê Irene Silva Santos (Caicó), Teresinha Medeiros Góis (Cruzeta); Floripes Medeiros (Ipueira); Maria Calixto de Medeiros (Jardim de Piranhas); Nathércia Cunha de Moraes (Jardim do Seridó); Luíza de Medeiros Moraes Silva (Ouro Branco); Itan Pereira da Silva (Piranhas); Juvenal Medeiros (São Fernando); Francisco Quinino de Medeiros e Josefa Fernandes (São João do Sabugi); Francelina Medeiros da Silva (São José do Seridó); Maria Cândida Faria (Serra Negra do Norte) e Beatriz Torres de Araújo (Timbaúba dos Batistas).





REVELANDO OBRA CONCEITUADA NO BRASIL E NO MUNDO, MAS DESCONHECIDA NO RN

# Um potiguar que escreveu a História do País

ADRIANA AMORIM  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

Um dos maiores nomes da historiografia brasileira. Assim é definida, por intelectuais e admiradores, a figura de Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, um potiguar nascido em Ceará-Mirim, no dia 25 de maio de 1873, que foi advogado, jornalista, bibliotecário e autor de várias obras, as quais, ainda hoje, são importantes referências para estudantes e pesquisadores no Brasil e no mundo.

No entanto, está cada vez mais raro encontrar algum norte-rio-grandense que conheça a memória desse ilustre historiador. Por isso, o Projeto Ler do DIÁRIO DE NATAL abre um espaço que visa resgatar a vida e obra de intelectuais norte-rio-grandenses que colaboraram com a história do Brasil. Rodolfo Garcia, por representar um importante intelectual do século XX, é o nosso homenageado.

De suas obras, destacam-se "Dicionário de brasileirismo: peculiaridades pernambucanas" (1915), "Nomes de aves em língua Tupi: Contribuição para a lexiografia portuguesa" (1913) e "Nomes Geográficos peculiares ao Brasil" (1920). Mas o seu trabalho mais conhecido, o ensaio "História Política e Administrativa do Brasil (1500-1810)" só foi publicado em 1956, sete anos após sua morte, em 14 de novembro em 1949. Muitas de suas obras foram publicadas no Rio de Janeiro, cidade onde passou grande parte de sua vida, falecendo aos 76 anos.

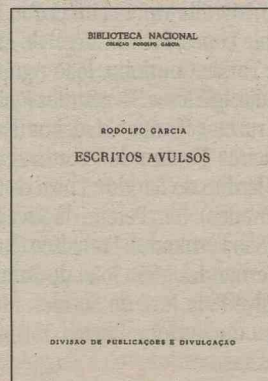
Não existem informações claras sobre os motivos que levaram o historiador a deixar a sua terra natal, mas, de acordo com Luiz Garcia, seu neto, a causa seria algum envolvimento político. "Contava a minha avó, que, num certo dia, meu avô chegou em casa com seu chapéu cortado ao meio por um facão. Foi quando ela decidiu levar a família inteira para Recife, em Pernambuco", explicou.

Ainda segundo Luiz, Rodolfo Garcia era bastante reservado e passava a maior parte do tempo trancado em seu escritório, onde, geralmente, recebia intelectuais e amigos. "Eu era criança quando convivi com ele, por isso conversávamos pouco. Só posso dizer que ele era um homem misterioso".

Luiz Garcia tem 68 anos, nascido no Rio de Janeiro e é jornalista do jornal impresso O Globo/RJ. Seu pai, Marcelo, foi o último dos quatro filhos de Rodolfo Garcia a falecer. "Apesar de não ter sido o filho mais velho, meu pai morreu aos 94 anos, há aproximadamente um mês. Ele, certamente, seria uma boa fonte de consulta sobre meu avô", disse.



Poucos conhecem a vida e a obra do historiador potiguar, Rodolfo Garcia



A obra "Escritos Avulsos" e o clássico "Ensaio sobre a História Política e Administrativa do Brasil", da Coleção Documentos Brasileiros



## O início de uma jornada

Pretendendo seguir a carreira das armas, Rodolfo Garcia cursou o Colégio Militar do Ceará, e, mais tarde, a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, de onde acabaria sendo desligado. Retornando ao Nordeste, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, de onde saiu Bacharel e Doutor, em 1908. Quando estudante, colaborou no jornal "Estado de Pernambuco" e na revista "Cultura Acadêmica". Rodolfo ainda foi professor de História, Geografia, Francês e Português.

Na década de 1910, Rodolfo resolve voltar para o Rio de Janeiro, cidade onde é radicado. Na época, passou a colaborar em vários jornais, revistas e boletins publicados por instituições culturais.

Em 1921, Rodolfo começou a trabalhar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passando de sócio efetivo a benemérito em 9 de julho de 1943. Em 8 de dezembro de 1930, assumiu a direção do Museu Histórico Nacional. Lá, ele criou, em 1932, o Curso de Museus. Dois anos mais tarde, deixou o cargo e, imediatamente, foi indicado pelo Governo para assumir a direção da Biblioteca Nacional, em 17 de novembro de 1932. E em 13 de abril de 1935, o historiador foi empossado como membro da Academia Brasileira de Letras.

Rodolfo Garcia foi um dos primeiros escritores nascidos no Rio Grande do Norte. Erudito e incansável pesquisador, foi um divulgador da história do Brasil. Ativo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Biblioteca Nacional, o escritor publicou diversas coleções de documentos e edições críticas.

Foi ele um dos mais notáveis colaboradores do "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", organizado pelo Instituto Histórico, no qual contribuiu com "Etnografia Indígena" e "História das Explorações científicas no Brasil".

Apesar de nunca ter escrito nada sobre o Rio Grande do Norte, Rodolfo Garcia é considerado um dos poucos historiadores brasileiros que tiveram suas obras conceituadas no mundo todo. Cláudio Galvão, professor de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), diz que Rodolfo Garcia poderia ter valorizado mais a sua terra. "Com toda a sua capacidade e inteligência, me entristeço por ele ter perdido contato com o Rio Grande do Norte", lamentou.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 18

## ARTIGO MURILO MELO FILHO\*

## A Biblioteca "Rodolfo Garcia"

Quando cheguei ao Rio e fui visitá-lo, Rodolfo Garcia já tinha 73 anos de idade. Quem me levou até ele foi Josué Montello, que era seu sucessor na direção da Biblioteca Nacional.



Quis saber tudo a meu respeito e ficou surpreso quando falei sobre sua atuação como Diretor do Museu Histórico Nacional e da Biblioteca Nacional; e quando lhe falei com entusiasmo sobre o Ceará-Mirim, um vale seu e de Nilo Pereira.

Adiantei-lhe então que eu estava ingressando numa geração dos jovens nordestinos nômades, que emigravam de suas terras secas lá no Nordeste para virem batalhar por um lugar ao sol, na selva das grandes cidades. Com ele e Nilo, eu me incorporava também à mesma categoria dos desterrados de sua terra natal, ao sentirem-se irmanados naquele exílio e num acendrado amor pelo Rio Grande do Norte e pelo Nordeste.

Vários anos antes, em 1934, Rodolfo já se elegera, com vinte votos, para a Academia Brasileira de Letras, na Cadeira nº. 39, tendo Varnhagen como seu Patrono e tendo outros três historiadores, Oliveira Lima, Alberto de Faria e Rocha Pombo, como seus antecessores, além de Elmano Cardim, Otto Lara Resende, Roberto Marinho e Marco Maciel como seus sucessores.

Era à primeira vista, um homem frio e fechado, de trato difícil, ríspido e quase rude. Parecia estar sempre com raiva numa zanga agravada por duas rugas verticais que acompanhavam o seu nariz de alto a baixo.

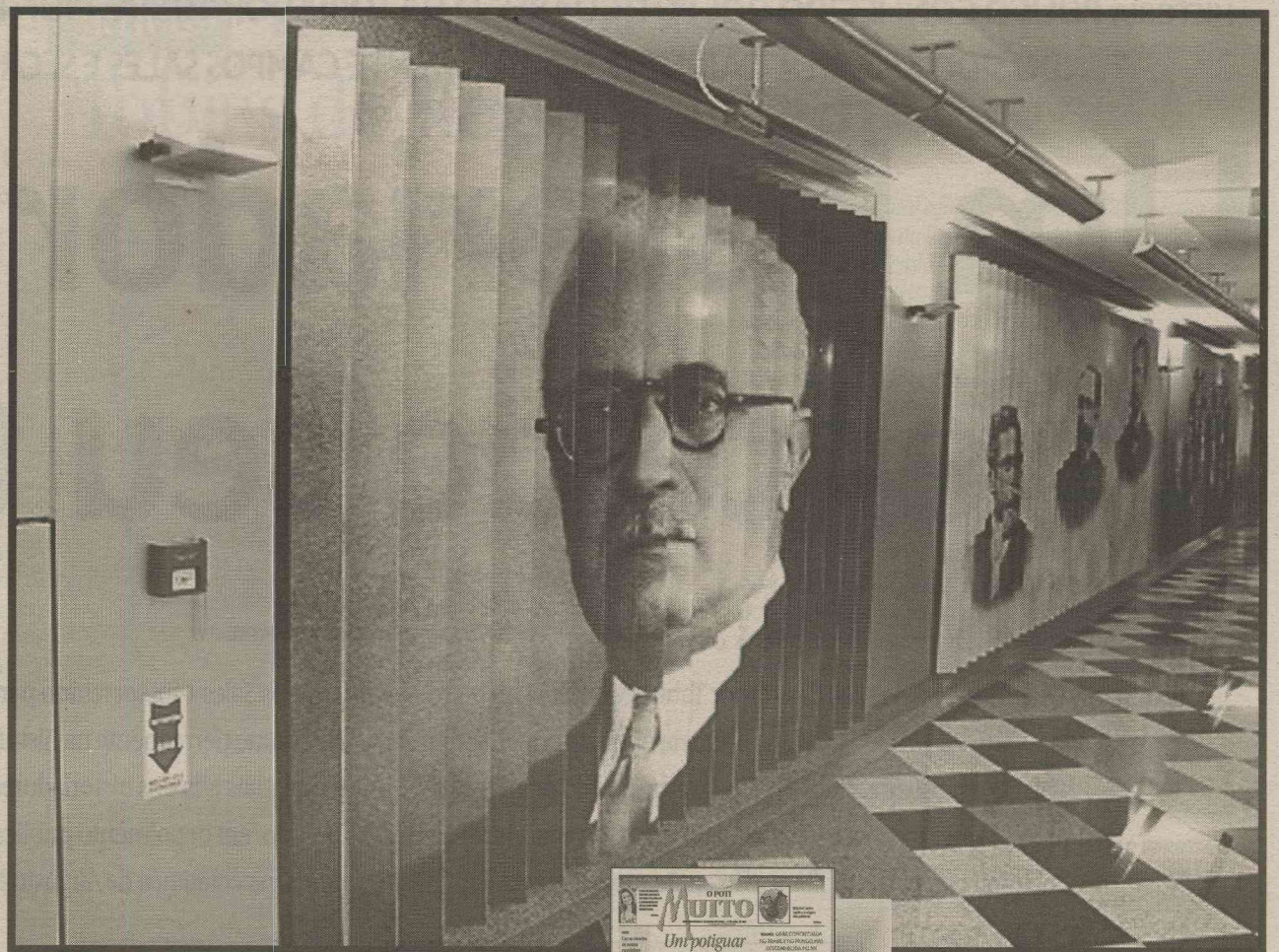
Mas nem por isto era menor o poder de sua liderança sobre uma das mais ilustres gerações de mestres brasileiros - Capistrano de Abreu, Afonso Celso, João Ribeiro, Oliveira Viana, Barbosa Lima Sobrinho, Pedro Calmon, Afrânio Peixoto, Afonso Taunay, Paulo Setúbal, Viriato Correia, Miguel Osório e Octávio Mangabeira - reunidos na "Academia Garciana", que levava o seu nome. Eles todos compunham um grupo de sábios, que conheciam todos os segredos da história brasileira e da língua portuguesa, sabendo-os de cor e salteado.

Chegando à Academia Brasileira de Letras, em 1999, sessenta e cinco anos depois, quiseram os desígnios do destino que eu, como acadêmico, recebesse a honrosa missão de construir a sua Biblioteca Pública - com 60 mil livros e uma Sala de Vídeo-Conferência, em 1.300 metros quadrados - toda computadorizada, climatizada e sonorizada, sendo hoje, modéstia a parte, a mais moderna biblioteca brasileira.

Após três anos de muitas lutas e esforços, ela será inaugurada no próximo dia 20 de julho, quando a Academia Brasileira de Letras estará comemorando o seu 108º aniversário de fundação.

E quis o destino também que eu tivesse condições de exigir, como contrapartida de tanto trabalho, que essa nossa Biblioteca fosse batizada, para sempre, com o nome de um dos meus antecessores, o inesquecível acadêmico e conterrâneo Rodolfo Garcia.

\* Murilo Melo Filho nasceu em Natal/RN, é jornalista, Acadêmico e Diretor da Biblioteca Rodolfo Garcia da Academia Brasileira de Letras(RJ)



Sala principal da Academia Brasileira de Letras, cuja biblioteca tem o nome de Rodolfo Garcia



MATÉRIA PUBLICADA DIA 17/04/2005 - CAPA DO MUITO O POTI - ATUALIZADA

## ARTIGO RAIMUNDO ARRAIS\*

## Rodolfo Garcia

Rodolfo Garcia proporcionou, com o Ensaio sobre a História política e administrativa do Brasil (1500-1810), editado pela primeira vez em 1956, um apoio seguro para os pesquisadores do passado colonial brasileiro. Essa, contudo, é somente a parte mais visível de uma longa atividade realizada de modo silencioso e obscuro, naquela especialidade que os historiadores chamam de erudição histórica. Filiado à linha principal da erudição brasileira, que vem de Varnhagem e passa por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia, ao partir do Recife com destino ao Rio de Janeiro, em 1914, já havia escrito Nomes de aves em língua tupi e levava consigo o seu Dicionário de brasileirismos. Merecem destaque, mais que a História política e administrativa do Brasil, o trabalho que ele realizou sobre obras fundamentais para o conhecimento do período colonial brasileiro, um trabalho que consistiu em, através da aplicação de técnicas e conhecimentos especializados, verificar a autenticidade das obras e dos textos, fixar a autoria, reconstituir elementos biográficos dos autores e as circunstâncias dos seus escritos, estabelecer a datação precisa, corrigir em notas

de rodapé erros e imprecisões dos autores - um conjunto de operações que nos permitem hoje consultar com segurança livros fundamentais para o conhecimento do nosso período colonial, como, para lembrar os mais conhecidos, Tratado da terra e da gente do Brasil e Diálogo das grandezas do Brasil. Embora não se dedique a teorizações, nem a interpretações dos fatos históricos (para a Escola Metódica a que se estava ligado, a primeira fase do conhecimento histórico, a erudição, excluía a tarefa interpretativa dos fatos), Rodolfo Garcia sabia, aqui e ali, temperar suas narrativas da história política e administrativa com fatos pitorescos e sugestivos. A maior das pequenas alegrias do trabalho devoto do erudito, envergado na solidão do convívio com documentos de três ou quatro séculos, era encontrar a vida palpitando presa nos papéis velhos.



\* Prof. Depto. História UFRN, Dr. em História Social, USP)

HISTÓRIA POUCO CONHECIDO DOS POTIGUARES, O HISTORIADOR TOBIAS MONTEIRO FOI FIGURA IMPORTANTE, TENDO SIDO CHEFE DE GABINETE DO PRESIDENTE CAMPOS SALES E SECRETÁRIO DE RUI BARBOSA

# Um historiador muito à frente de seu tempo

VALÉRIA CREDIDIO  
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

Quem passa pela rua Historiador Tobias Monteiro, no bairro de Lagoa Nova, não faz idéia da importância que este potiguar tem na história brasileira. Figura pouco conhecida do grande público, Tobias Monteiro foi jornalista, senador pelo Rio Grande do Norte, ocupou cargos de confiança do então presidente da República

Campos Sales e foi secretário particular e amigo de Rui Barbosa. "Um nome permanente na história do jornalismo brasileiro e na galeria mais alta dos historiadores", ressaltou Luiz da Câmara Cascudo, em depoimento publicado, juntamente com tantos outros, na coletânea de Augusto Medeiros e Nestor Santos Lima.

Para os autores da obra, Tobias Monteiro, que faleceu em agosto de 1953, aos 86 anos, deixou o país órfão de um homem que dedicou sua vida tanto ao estudo de nosso passado histórico e social quanto à participação direta nos problemas políticos do Brasil.

Nascido em Natal, no dia 29 de julho na casa em frente à igreja do Rosário, o filho Jesuíno Rodolfo e Maria Inácia Monteiro foi para o Rio de Janeiro, então capital do Império, depois de ter concluído o ensino básico na capital potiguar. Mesmo sem recursos e condições financeiras, o jovem Tobias Monteiro foi ajudado por sua inteligência, que despertou o interesse de José Bernardo de Medeiros, que o auxiliou em sua estada na corte, através de uma pensão paga pela Assembléia Legislativa da Província.

Com a oportunidade nas mãos, Monteiro ingressou no jornalismo. Conhecido por seu pulso firme, integrou a equipe de redação do Jornal do Comércio durante os últimos anos da monarquia e os primeiros da República. Foi abolicionista e republicano histórico, tendo participação ativa na política republicana após a instalação do regime em 1889.

No governo provisório da República foi oficial de gabinete e secretário particular de Rui Barbosa, ministro da Fazenda. De acordo com pesquisas realizadas por Augusto Medeiros e ao qual era ligado, também, por uma fraternal amizade, consolidada nos tempos de luta contra o regime imperial.

Também por conta de sua amizade com Rui Barbosa, durante o governo de Floriano Peixoto, Monteiro foi preso e sofreu várias perseguições.



O livro de autoria de Tobias Monteiro, recentemente editado pelo Senado: "O presidente Campos Sales na Europa"



MATÉRIA PUBLICADA DIA  
31/03/2002 - PÁG. 5 - CIDADES  
O POTI - ATUALIZADA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 20

## O JORNALISTA

Apesar disso, nunca se calou nem deixou de exercer o jornalismo, sua vocação descoberta ainda na infância, quando escrevia em Natal nos jornais estudantis "A Idéia" e "A Luz".

No Rio de Janeiro, colaborou com seus artigos para o jornal "Gazeta da Tarde". No entanto, sua ambição era ir para a redação de um grande jornal de combate, como "O País", de Quintino Bocaiuva. E conseguiu, escrevendo alguns artigos publicados pelo periódico.

Depois de várias tentativas, Tobias Monteiro ingressou realmente no mercado jornalístico, atuando no Jornal do Brasil, no Correio Paulista - neste através de cartas assinadas com o pseudônimo de José Estevão - no Diário de Notícias, comandado por Rui Barbosa, e no Jornal do Comércio, onde obteve maior projeção por defender os interesses do país.

Entre os anos de 1894 e 1902, como redator político do Jornal do Comércio, destacou-se como uma das maiores e mais combativas figuras da imprensa brasileira. De acordo com os pesquisadores, cabia a Tobias Monteiro escrever as famosas "Varias" que naquele tempo, tinham o poder de derrubar ministérios.

Por defender causas nacionalistas, o jornalista conquistou a amizade e o respeito de nomes importantes da política e da história brasileira, como Prudente de Morais, Rio Branco e Campos Sales. E foi com Campos Sales que Tobias Monteiro foi à Europa na missão presidencial destinada à busca de soluções das dívidas externas brasileiras.

"Na história da imprensa das primeiras décadas da República, a ele caberá um lugar destacado, entre os nossos jornalistas de maior porte", destacam os pesquisadores.

Apesar de sua atuação política ser bastante relevante, enquanto jornalista, sua passagem pela vida pública foi rápida. Tobias Monteiro foi oficial de gabinete de Rui Barbosa durante sua gestão à frente da pasta da Fazenda na República, e secretariou, em caráter particular, o presidente eleito Campos Sales, durante viagem à Europa, antes mesmo de tomar posse.

Além dos dois cargos de confiança, Tobias Monteiro foi senador da República pelo Rio Grande do Norte, ocupando a vaga deixada por Ferreira Chaves, no ano de 1921, ficando apenas por dois anos. Sua saída deu-se com a renúncia ao mandato, porque não concordava com o fato de regras e conveniências das várias facções políticas serem postas acima dos interesses coletivos.

De acordo com os pesquisadores, Tobias Monteiro tinha outra compreensão da vida política, preocupando-se em dar à sociedade brasileira a direção desejada pela maioria da população, colocando os princípios acima dos interesses do momento. Ao renunciar ao mandato de senador, Tobias Monteiro passou a se dedicar completamente à vida intelectual.

Certa vez, ele mesmo declarou: "É melhor voltar aos meus alfarrábios". Os alfarrábios citados são velhos papais, os arquivos onde muito havia sobre a evolução da história do Brasil.

Na ânsia de reparar injustiças e inverdades de historiadores e repor fatos e homens dentro da verdade histórica, Tobias Monteiro começou a escrever uma série de livros que figuram entre o que de melhor existe na historiografia brasileira, mesmo não tendo conseguido cumprir seu plano de trabalho.

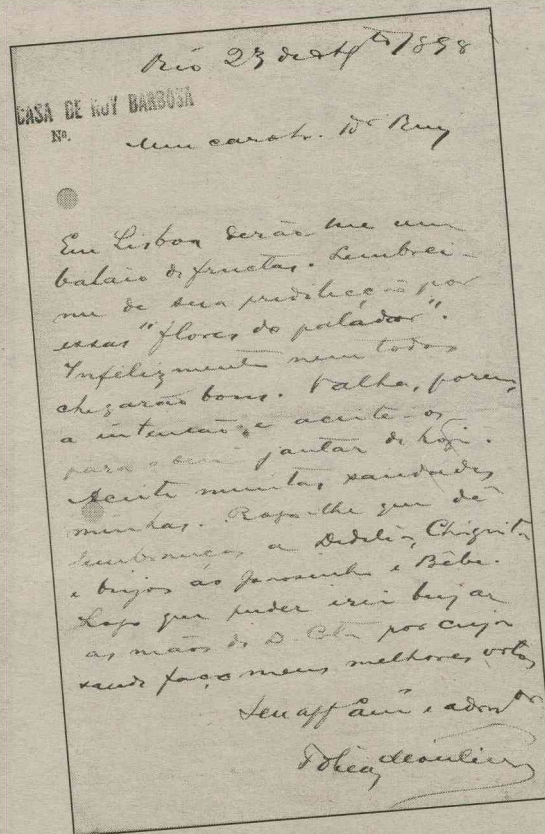
Entre obras estão "A elaboração da Independência", "História do Primeiro Reinado" em três volumes, tida como sua principal obra. Há também "Pesquisas e Depoimentos", no qual traz informações preciosas sobre a vida da monarquia brasileira nos seus últimos instantes, os exatos dois dias que precederam a Proclamação da República.

O conjunto de sua obra mereceu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, que ele mesmo destinou à Casa do Estudante do Brasil. "O que interessava a Tobias na sua tarefa de historiador era a verdade dos acontecimentos a expor e narrar. Era dar seus preciosos caracteres, situando-as nos limites certos de sua ação, dentro de cada acontecimento. Suas narrativas históricas eram escritas em um estilo que situa o escritor entre os melhores homens de letras com que já contou o país", finalizam Nestor Santos Lima e Augusto Medeiros.

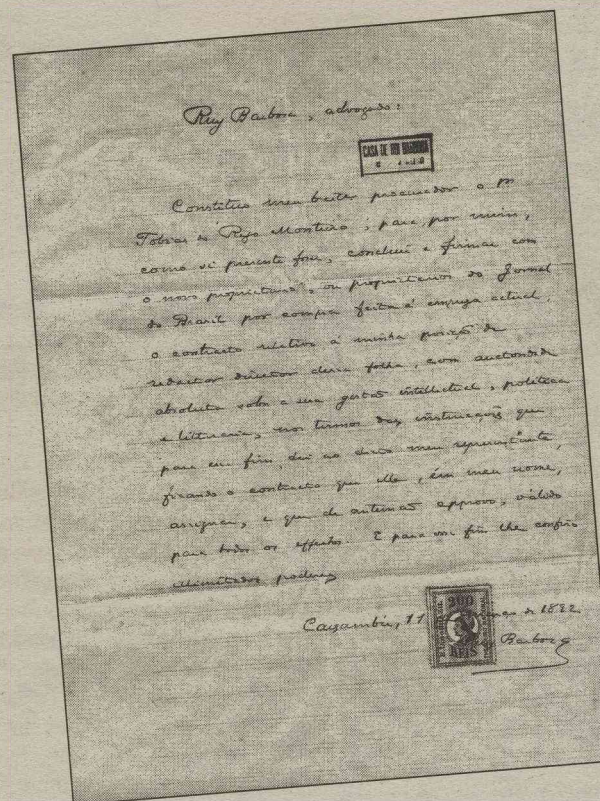
## ARTIGO

REJANE MENDES M. DE MAGALHÃES\*

## Tobias do Rego Monteiro



Carta de Tobias Monteiro para Rui Barbosa e Procuração de Rui Barbosa para Tobias Monteiro (Acervo da Casa Rui Barbosa)



Nasceu em Natal e faleceu em Petrópolis, RJ. Filho de Jesuíno Rodolpho do Rego Monteiro e D. Maria Inácia do Rego Monteiro. Tendo terminado os estudos preliminares em Natal, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cujo curso interrompeu no 4º ano.

Sua vocação pela imprensa revelou-se muito cedo, fundando e redigindo em Natal os jornais literários quinzenais A Idéia no período de 1879 - 1880 e A Luz de 1882 - 1883.

Após a Proclamação da República, trabalhou no Diário Oficial e depois secretariou o Ministro da Fazenda Rui Barbosa.

Segundo Carlos Viana Bandeira, cunhado de Rui, foi o Conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas que, por meio de uma carta de apresentação pediu a Rui que desse um lugar na redação de O País ou Diário de Notícias a Tobias. Rui teve muito boa impressão dele e, quando tornou-se ministro fez de Tobias seu oficial de gabinete, encarregado de redigir a correspondência pessoal. Tobias freqüentava assiduamente a casa de Rui no Flamengo e participava dos assuntos ligados à família. Conhecia o temperamento de Rui e o descrevia como um homem de gênio forte que se convertia numa fera quando contrariado. Foi Tobias que o aconselhou a consultar o médico Dr. Francisco de Castro em agosto de 1891, quando Rui foi acometido de uma broncopneumonia.

Dedicado, na época da Revolta da Armada, Tobias acompanhou Rui, da casa do Dr. Francisco de Castro para a legação do Chile e daí para a lancha que conduziu seu chefe ao navio Madalena que o levaria ao exílio. Nesta época, depois de uma série de peripécias, Tobias foi preso, recolhido à Casa de Correção no Rio de Janeiro e em seguida buscou o exílio em Buenos Aires. Na sua volta ao Brasil, articulou a aquisição do Jornal do Brasil do qual foi redator secretário, e obteve de Rui a procuração, datada de 11/03/1892, para tratar dos termos da compra.

Historiador; escreveu para o Jornal do Comércio e para o Correio Paulistano em defesa da política do Governo Prudente de Morais e secretariou o Presidente Campos Sales. Durante o governo deste último intermediou a aproximação de Rui com o presidente, mas tal não aconteceu.

Na viagem realizada pelo Dr. Campos Sales em 1898 por diversos países da Europa, já então eleito Presidente da República, Tobias Monteiro o acompanhou na função de redator do Jornal do Comércio e, no desempenho desta tarefa publicou nas colunas do mesmo jornal uma série sob o título "Cartas sem Título" - polêmicas e entrevistas, artigos políticos datados do Rio e publicados também no Correio Paulistano de SP, sob o pseudônimo de José Estevão - 1900 - 1901; "O Sr. Campos Sales na Europa", notas de um jornalista, 1900; "Do Rio ao Paraná", Rio de Janeiro, 1903; Pesquisas e depoimentos para a História, 1913; As origens da guerra e o Dever do Brasil, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; Funcionários e doutores, Francisco Alves, 1917; História do Império vol. I, II e III - 1927, 1939, 1946.

Foi Senador em 1921, pelo Rio de Janeiro, na vaga de Joaquim Ferreira Chaves que assumira o Ministério da Marinha. Renunciou o mandato em 1923.

\* Rejane Mendes M. de Magalhães, chefe do setor Ruaino da Fundação Casa de Rui Barbosa

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 21

# Viagem oficial proporcionou encontro

Em sua viagem à Europa, acompanhando o então presidente eleito Campos Salles, antes de sua posse, Tobias Monteiro teve a oportunidade de conhecer, e entrevistar, Émile Zola, um consagrado escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista além uma importante figura na liberalização política da França. Acredita-se que Zola foi assassinado por desconhecidos em 1902, quatro anos depois de ter publicado o famoso artigo J'accuse, em que acusa os responsáveis pelo processo fraudulento de que Alfred Dreyfus foi vítima.

O seu famoso artigo J'accuse (Acuso), com o subtítulo Carta a Félix Faure, Presidente da República, publicado no jornal literário L'Aurore, era tão incisivo que levou à revisão do processo, dando uma nova dinâmica ao processo que terminaria anos depois do assassinato de Zola, com a reabilitação do oficial Alfred Dreyfus em 1906, injustamente acusado de traição.

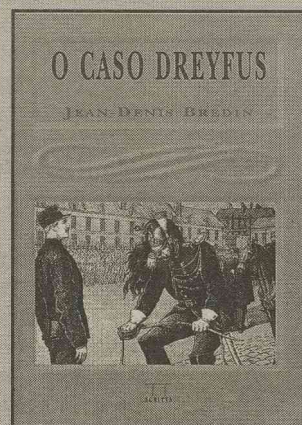
Após a publicação de J'accuse, Zola foi processado por difamação e condenado a um ano de prisão. Ao saber desta injusta condenação, Zola partiu para o exílio em Inglaterra. Após o seu regresso, quando já não corria o risco de ser preso dada a evolução positiva do processo, publicou, no "La Vérité en marche", vários artigos sobre o caso.

A entrevista foi feita em Paris, no dia 24 de junho de 1898, onde Zola faz um relato de sua defesa do caso Dreyfus, um caso que marcou a história política da França.

De acordo com relatos publicados em diversos livros, inclusive "O Caso Dreyfus", de Jean-Denis Bredin, quatro anos antes da conversa entre Tobias Monteiro e Émile Zola, em 1894, uma grave crise política sacudiu a Terceira República francesa. O País polemizava sobre a culpa ou inocência de um capitão do exército chamado Alfred Dreyfus, sentenciado - em dezembro do mesmo - à prisão perpétua pela suposta venda de segredos militares aos alemães.

No início, a população apoiou a condenação, em grande medida pela pressão exercida por grupos anti-semitas, para que Dreyfus, judeu, simbolizava a deslealdade de todos os judeus franceses.

Um fato novo, porém, viria a



Capitão Dreyfus e o livro de Jean-Denis Bredin, um dos mais completos relatos sobre o caso

mudar a sorte de um caso judicial que parecia destinado ao esquecimento: um outro oficial francês, Ferdinand-Walsin Esterhazy, foi acusado pelos mesmos crimes de Dreyfus e, em 1898, condenado por alta traição.

Para muitos jornalistas e políticos da época, ficava clara a intenção do comando do exército, colocando a corte marcial contra Esterhazy acalmava a caça aos antipatriotas, mas Dreyfus continuaria preso na Ilha do Diabo, na costa da Guiana Francesa.

A traição do judeu tinha um papel a cumprir na situação política e internacional das elites gauselas.

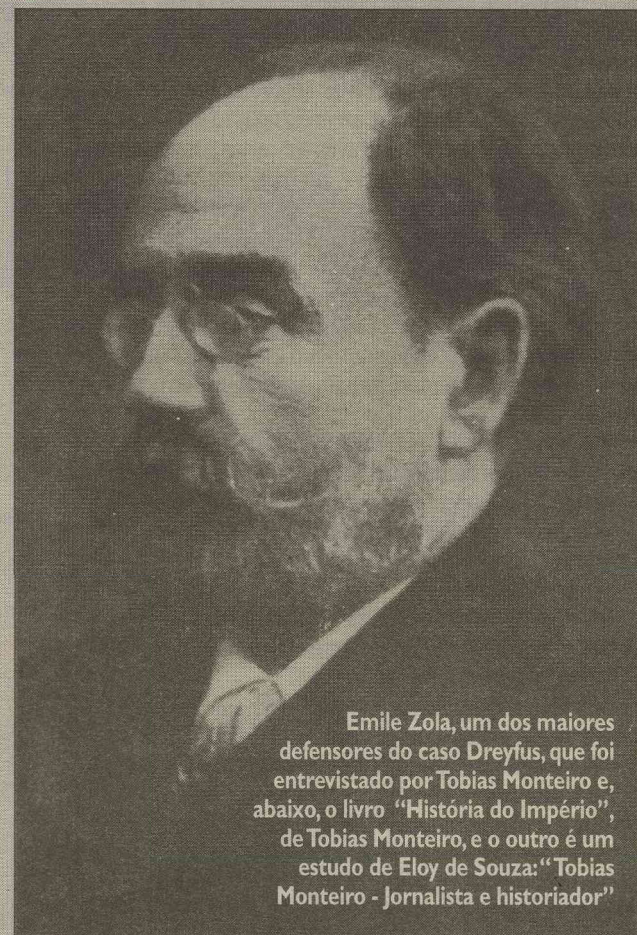
Muitas vezes ergueram-se contra a manobra, reforçando o movimento pela reabertura do processo. O mais famoso dos paladinos pela reabilitação do capitão injustiçado escreveria um panfleto que seria lembrado por gerações: J'accuse - Eu acuso - de Émile Zola, que denunciava o exército francês por falsificar provas para obter a condenação de Dreyfus.

A França estava dividida. Ao lado

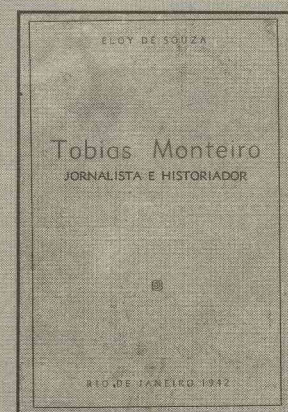
dos militares, ficaram os representantes da ordem; católicos tradicionalistas, anti-semitas, nacionalistas, conservadores anti-republicanos. Com Dreyfus, republicanos, judeus, radicais, anticlericais e toda gente progressista.

Reclamada pela opinião pública, uma nova corte marcial foi convocada. Reunida em Rennes, em setembro de 1899, outra vez Dreyfus foi considerado culpado e sua sentença confirmada.

A gravidade dos enfrentamentos,



Emile Zola, um dos maiores defensores do caso Dreyfus, que foi entrevistado por Tobias Monteiro e, abaixo, o livro "História do Império", de Tobias Monteiro, e o outro é um estudo de Eloy de Souza: "Tobias Monteiro - Jornalista e historiador"



porém, levaria o presidente da República a indultá-lo, mas apenas em 1906 o capitão seria plenamente reabilitado, por decisão da Corte de Apelação, um tribunal civil.

O confronto deixaria suas marcas: em 1905, o Parlamento decidiria pela separação entre o Estado e a Igreja, dando fim a uma das mais antigas heranças da ordem feudal e sacramentando um novo ordenamento institucional - sob o qual se desenvolveriam as lutas sociais responsáveis pela fundação do século XX.

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 22

# CASA DE RUI BARBOSA

Durante o trabalho de pesquisa para a realização deste trabalho sobre Tobias Monteiro, fiz diversas pesquisas sobre a vida e a atuação profissional do historiador. Parte desta pesquisa foi engrandecida graças à colaboração da Fundação Casa de Rui Barbosa, principalmente no que diz respeito ao material ilustrativo da matéria. Com o auxílio da Fundação pudemos ter acesso a documentos e fotos da época em que Tobias Monteiro exercia a função de secretário particular de Rui Barbosa, e fotos do próprio historiador.

A Fundação é sediada na casa onde residiu o grande jurista e intelectual brasileiro entre 1895 e 1923, data de sua morte. Comprada pelo governo brasileiro em 1924, juntamente com a biblioteca, os arquivos e a propriedade intelectual das obras de Rui Barbosa, a casa foi aberta ao público como museu - o primeiro museu-casa do Brasil - em 1930.

Hoje, a Casa de Rui Barbosa homenageia a memória do Patrono, não apenas publicando-lhe as Obras Completas, não apenas estudando sua vida e divulgando suas idéias e sua atuação como intelectual, advogado, político e jornalista. Mais do que isso, tornou-se um espaço reservado ao trabalho intelectual: aqui se trabalha, aqui se pensa, aqui se estuda, aqui se lê, aqui se escreve, aqui se consultam livros e documentos, aqui se preservam livros e documentos para serem consultados, aqui se publicam livros, aqui se mostram livros e documentos de pessoas que, como Rui, escreveram.

As principais atividades da Fundação Casa de Rui Barbosa são a manutenção, preservação e difusão do Museu Casa de Rui Barbosa e respectivo parque; formação, preservação e difusão do acervo bibliográfico e documental, destacando-se os laboratórios técnicos; desenvolvimento de estudos e pesquisas em suas áreas de atuação (estudos ruianos, de política cultural, história, direito e filologia) e em cultura brasileira em geral; publicação dessas pesquisas e participação de pesquisadores em eventos acadêmicos e científicos; formação e qualificação de pesquisadores; utilização plena do seu auditório com atividades de dança, música, literatura, teatro e cinema; uso de outras dependências para a realização de exposições de acervo ou relacionadas a trabalhos em andamento e de cursos, congressos e seminários.

Situada circunstancialmente na cidade do Rio de Janeiro, a Fundação Casa de Rui Barbosa preserva e divulga acervos de interesse nacional, por constituírem patrimônio cultural importante, e realiza trabalhos de alcance internacional, sem perder de vista a importância do atendimento diário ao visitante e ao usuário de nossos serviços, desde a simples visita ao jardim até o pesquisador empenhado em complexo trabalho acadêmico.



O ex-ministro da Fazenda Rui Barbosa, de quem Tobias Monteiro foi secretário particular

# DN EDUCAÇÃO 14 ANOS

Editado pela primeira vez em agosto de 1992, o DN Educação foi pioneiro no Brasil e no mundo ao publicar um caderno destinado especialmente à causa da educação e à melhoria da qualidade do ensino no Rio Grande do Norte. Nessa trajetória de 14 anos, o compromisso com a educação foi a nossa batuta, o nosso leste, merecendo o reconhecimento, a nível nacional, de autoridades ligadas à educação, bem como de instituições que trabalham na defesa dos direitos da criança e do adolescente, como o UNICEF, Instituto Ayrton Senna e Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e Fundação Abrinq para os Direitos da Infância, através de vários prêmios conquistados.

Isso é o reconhecimento de um trabalho que começou com a jornalista Ana Maria Cocentino Ramos, prosseguiu com Eugênio Parcella e agora continua com os jornalistas Francisco Francerle, Valéria Credidio e Adriana Amorim que formam a editoria de Educação do Diário de Natal.

Desde o ano passado, o DN Educação tem publicado edições temáticas sobre assuntos ligados à educação, cultura e história do Rio Grande do Norte que têm gerado grande repercussão, devido ao ineditismo e à profundidade do tema abordado. Foi assim com as duas edições dos "Museus do RN", a publicação sobre "Nísia Floresta Brasileira Augusta", "A escravidão africana no RN", "Os festejos juninos" e "O sertão virou sala de aula", numa reconstituição da viagem de Cascudo pelo sertão potiguar em 1934.

Essas edições pretendem ampliar a discussão sobre os temas propostos, tanto a nível acadêmico quanto em sala de aula, junto aos alunos do Ensino Fundamental e Médio. A idéia é que sirvam mesmo de ferramenta de trabalho, como aconteceu com a edição de "Nísia Floresta" que foi adotada como principal fonte de pesquisa pela Fundação Assis Chateaubriand e Fundação Banco do Brasil em recente concurso de redação para todo o país. Além das secretarias de Educação do município e do Estado que têm utilizado as edições como material pedagógico.



Os jornalistas Francisco Francerle, Silvana Belkiss, Valéria Credidio e Adriana Amorim trabalharam nas edições temáticas do DN Educação